



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
JOSÉ OLÍMPIO FERREIRA NETO

**CAPOEIRA, UM OLHAR A PARTIR DA
FILOSOFIA DE HERBERT MARCUSE: A
CULTURA E SEU CARÁTER NEGATIVO EM
BUSCA DA LIBERDADE**

FORTALEZA – CEARÁ
2011.2

José Olímpio Ferreira Neto

**CAPOEIRA, UM OLHAR A PARTIR DA FILOSOFIA DE
HERBERT MARCUSE: A CULTURA E SEU CARÁTER
NEGATIVO EM BUSCA DA LIBERDADE**

Monografia apresentada ao Curso de
Filosofia do Centro de Humanidades da
Universidade Estadual do Ceará, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Filosofia.

Orientador: Professor Doutorando Alberto
Dias Gadanha
Professora da Disciplina de Monografia II:
Professora Mestre Eliana Sales Paiva

**FORTALEZA – CEARÁ
2011.2**

Universidade Estadual do Ceará
Centro de Humanidades
Curso de Filosofia

**CAPOEIRA, UM OLHAR A PARTIR DA FILOSOFIA DE HERBERT
MARCUSE: A CULTURA E SEU CARÁTER NEGATIVO EM BUSCA DA
LIBERDADE**

Autor: JOSÉ OLÍMPIO FERREIRA NETO

Defesa em: 16 / 12 / 2011.

Nota obtida: 10.0

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutorando Alberto Dias Gadanha
Orientador

Professor Mestre Jorge Henrique Lima Moreira
Debatedor

CORPO ADMINISTRATIVO

Professor Doutor Marcos Antônio Paiva Colares
Diretor do Centro de Humanidades

Professor Doutor Luciano Furtado Sampaio
Coordenador do Curso de Filosofia

Dedico este trabalho à memória de minha mãe, Maria da Conceição da Silva Ferreira, por ter deixado condições financeiras favoráveis para que eu continuasse meus estudos, prosseguindo assim no meu desenvolvimento como ser humano capaz de alterar a realidade em minha volta. À minha esposa Aurilene Barros e aos meus filhos Hannah Bárbara e Johann Sebastian pela compreensão de minha ausência em alguns momentos que me encontro na labuta intelectual.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao “Princípio Inteligente do Universo” que move a humanidade rumo ao progresso intelectual.

Agradeço à minha esposa Aurilene Barros companheira de cada dia e aos meus filhos Hannah Barbara Barros Ferreira e Johann Sebastian Barros Ferreira, razões do meu viver.

Sou grato, em especial, ao meu mestre, Manoel Lima de Souza, vulgo “Chitãozinho” e ao Professor Doutorando Robson Carlos da Silva – UESPI, conhecido nas rodas de capoeira como Mestre Bobby pelo incentivo à escrita capoeirística.

Aos amigos e aos alunos que compartilham comigo momentos de liberdade e felicidade nas rodas, entre eles Daniel Maia, Tiago Magalhães e André Moura.

Agradeço ainda ao meu primeiro mestre, Robério Gomes Tavares, conhecido como Carcará, que me guiou nos primeiros anos dentro dessa arte.

Agradeço aos amigos dessa cultura popular que me ofereceram as primeiras oportunidades de socializar minhas pesquisas, entre eles, Professor Barata, Mestre Touro, Mestre Ratto e Mestre Peninha.

Aos professores que me fizeram acreditar na possibilidade de usar a Capoeira e me incentivaram nas pesquisas, entre eles, Prof. Dr. Humberto Cunha – Unifor, Prof. Dr. Gerardo Vasconcelos – UFC, Prof. Dr. Emiliano Aquino – UECE, Prof. Dra Cristiane Marinho e Prof. Dra. Sylvia Leão – UECE.

Um obrigado especial ao meu orientador, Professor Doutorando Alberto Dias Gadanha que me ajudou a traçar um caminho agradável nesta pesquisa; a Professora Mestra Eliana Sales Paiva que orientou a turma durante o semestre sobre a formatação e a concatenação das idéias; e ao Professor Mestre Jorge Henrique Lima Moreira pela disponibilidade para debater sobre o tema.

*A capoeira tem negativa, a capoeira nega.
A capoeira é positiva, tem verdade.
Negativa é fazer que vai, mas não vai,
e na hora que o nego não espera,
o capoeirista vai, entra e ganha
e quando ele perde, ele deixa a capoeira na negativa [...]*

Mestre Pastinha

RESUMO

O presente estudo apresenta uma reflexão filosófica, a luz do pensamento marcuseano, sobre o processo dialético presente na Capoeira. Em seu desenvolvimento histórico, a Capoeira, cultura de negro africano em *terra brasilis*, passou por diversos momentos que a identifica, ora, como instrumento de oposição ao *status quo*, como cultura de resistência que se nega a ser colonizada, ora, como instrumento de afirmação da ordem vigente, trabalho do mundo capitalista, que massifica os indivíduos e os impulsiona ao consumismo, transformando a cultura, seus atores e seus produtos em mercadorias. Entende-se aqui a história da Capoeira como um processo dialético, tal processo é intrínseco a sua estrutura, presente no jogo e na cantiga. Investiga-se aqui se essa manifestação cultural ainda mantém sua essência negativa, libertária e revolucionária que se opõe ao *status quo*. Para realização de tal tarefa, realiza-se um estudo, tendo como ponto de partida o texto *Sobre o caráter afirmativo da cultura* de autoria de um filósofo da Escola de Frankfurt, Herbert Marcuse. Para atingir tais objetivos, esse trabalho fundamentou-se no referencial teórico composto pelos seguintes autores: MARCUSE (1981, 1998, 2006), filósofo que norteia a reflexão GADANHA (2011), KANGUSSU (2008), LOREIRO (2009), MACINTYRE (1970) para melhor elucidar o pensamento do autor em alguns pontos; quanto ao conteúdo referente a Capoeira fez-se uso dos estudiosos, CASTRO JÚNIOR (2003), REGO (1968), SILVA (2007), VIEIRA (1998) e CAPOEIRA (2009). O tema foi inspirado em quase vinte anos de prática da arte em questão e nos estudos de filosofia, tendo em vista que esse não pode ser desligado do universo em que se vive. Visa-se, aqui, realizar um diálogo entre a cultura erudita e a cultura popular, sem grau de hierarquia. Tentou-se neste trabalho mostrar a contradição que atravessa essa cultura, discutindo sobre sua essência revolucionária.

Palavras-chave: Capoeira; Cultura; Corpo; Liberdade; Dialética.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. Possibilidade de uma análise marcuseana sobre a Capoeira.....	14
1.1. O pensamento de Marcuse e sua recepção no mundo e no Brasil	14
1.2. A dialética marcuseana	17
1.3 O movimento dialético e o processo histórico da Capoeira	20
2. Sobre o caráter afirmativo da cultura e o elemento negativo	27
2.1. O caráter afirmativo da cultura	27
2.2. O caráter negativo da cultura	30
2.3. A separação do corpo e alma na cultura afirmativa	33
2.4. A liberdade na fantasia	37
2.4.1. A memória	38
2.4.2. A fantasia, a imaginação e o impulso lúdico	39
3. A capoeira entre a afirmação e a negação do <i>status quo</i>	43
3.1. A capoeira e suas características afirmativas.....	43
3.2. As cantigas e a ancestralidade: presente e passado no mesmo espaço	46
3.3. Mandinga de escravo em ânsia de liberdade	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa trata-se de uma investigação filosófica sobre a Capoeira, uma cultura de origem afro-brasileira. Investiga-se aqui se essa manifestação cultural ainda mantém sua essência negativa, libertária e revolucionária que se opõe ao *status quo*. Para realização de tal tarefa, parte-se do estudo do texto *Sobre o caráter afirmativo da cultura* de autoria do filósofo da Escola de Frankfurt, Herbert Marcuse.

Os africanos foram removidos de seu continente de maneira violenta e contra a vontade. Saíram do contexto cultural em que viviam e foram transportados para uma terra estranha com pessoas de costumes e códigos diversos. Muitos perdiam a motivação de vida e morriam pelo banzo¹ avassalador, como diz a cantiga, na longa viagem pelo atlântico *muitos morreram de banzo e de frio*. Praticavam suicídio, definhavam com a saudade da terra natal. Descobriram, através da linguagem comum que os ligavam, uma maneira de resistir ao modo de vida imposto e então desenvolveram práticas culturais como a capoeira. Na continuidade da cantiga, *aqui chegando não perderam a sua fé, criaram o samba, a capoeira e o candomblé*. Essa cultura, em sua gênese, porta uma essência de oposição ao quadro que se plasma na realidade² social. Os negros escravizados expressavam, através da cultura de seus ancestrais, a insatisfação quanto à realidade que os assolava. O negro não aceita a condição de submisso e luta com os elementos possíveis contra a força da cultura dominante.

A figura do capoeirista, antes conhecido como capoeira, incomodava a sociedade brasileira. Ele sofre perseguição no período Imperial e no início do período Republicano a perseguição se acirra, sendo inclusive positivado em lei. Sua prática, denominada de capoeiragem, passa a ser configurada como crime em capítulo específico no Código Penal da República do Brasil através do decreto 847 de 1890.

Entre meados da década de 1920 e início da década de 1930, a Capoeira, para sair da marginalidade, assimilou elementos da cultura dominante. O academicismo e o militarismo influenciaram sua prática. Essa arte brasileira foi racionalizada e passou a ser praticada por outros estratos sociais. Ela embranqueceu como dizem os mais críticos. Desde então, começou um processo de absorção por parte das instituições oficiais. Antes praticada às escondidas nos terreiros e morros, passou a ser praticada em escolas, clubes, universidades e até em quartéis. Percebe-se então sua constituição em instrumento de afirmação do

1 Nostalgia mortal dos negros da África, quando cativos ou ausentes de seu país.

2 Segundo Gadanha (2011) citando Marcuse: A realidade compreende-se enquanto o sujeito se reconhece nela ou enquanto é por ela determinada. “Realidade é o resultado constantemente renovado do processo de existência – o processo, consciente ou inconsciente em que o *que é* torna-se o *outro de si*. A identidade é apenas a negação contínua de existência inadequada, o sujeito mantendo-se sendo o outro de si mesmo. Qualquer realidade é, portanto, uma realização – um desenvolvimento de subjetividade” (MARCUSE, 1960 §6).

Estabelecido.

Visa-se, aqui, realizar um diálogo entre a cultura erudita e a cultura popular, sem grau de hierarquia. O objetivo geral desse trabalho é investigar a existência do caráter negativo da Capoeira, cultura de resistência que busca a liberdade, a partir do estudo do texto de Marcuse citado no primeiro parágrafo. Para obter êxito na tarefa proposta desenha-se os seguintes objetivos específicos: apresentar o caráter afirmativo e negativo da cultura a partir do filósofo em estudo; descrever o processo histórico dialético presente na Capoeira até os dias atuais; identificar o caráter afirmativo e negativo na prática da citada manifestação cultural; e por fim, caracterizar alguns elementos de negação do *status quo* presente nessa arte popular brasileira.

Para a realização deste trabalho usou-se o referencial teórico composto pelos seguintes autores: MARCUSE (1981, 1998, 2006), filósofo que norteia a reflexão, além de GADANHA (2011), KANGUSSU (2008), LOREIRO (2009), MACINTYRE (1970), dentre outros para melhor elucidar o pensamento do autor em alguns pontos; quanto ao conteúdo referente a Capoeira fez-se uso dos estudiosos, CASTRO JÚNIOR (2003), REGO (1968), SILVA (2007), VIEIRA (1998) e CAPOEIRA (2009). Dentre esses estudiosos registra-se a presença de mestres de capoeira com formação acadêmica em diversas áreas do saber como Filosofia, História, Educação e Ciências Sociais.

Parte-se de uma metodologia dialética para entender o processo histórico da Capoeira, buscando expor a contradição que atravessa essa cultura, discutindo a cerca de sua essência revolucionária. Cultura de negro africano em *terra brasilis*, passou por diversos momentos. Alguns a identificam como instrumento de oposição ao *status quo*, como cultura de resistência que se nega a ser colonizada. Para outros é vista como instrumento de afirmação da ordem vigente, trabalho do mundo capitalista, que massifica os indivíduos e os impulsiona ao consumismo, transformando a cultura, seus atores e seus produtos em mercadorias. O processo dialético é intrínseco a sua estrutura, presente no jogo e na cantiga; analisa-se, ainda, alguns dos elementos presentes em sua manifestação.

A base da dialética é perceber a contradição. A verdadeira dialética não é uma negação total, mas a elevação de qualidade gerando uma síntese. A percepção de uma realidade intolerável e que é recusada está na origem do negativo, e a origem desse pensamento negativo é um movimento de liberdade. A liberdade é, em sua essência, negativa. É com essência negativa que a Capoeira continua seu processo de síntese com foco na superação. Essa manifestação cultural não nega o Estabelecido simplesmente por negar. O negar não pode ser um simples negar. O negar tem que ter dentro dele um sentido de cancelar

e manter. Se se nega por completo, o movimento é interrompido, paralisando o processo dialético.

Marcuse em seu texto, *Sobre o caráter afirmativo da cultura*, como o próprio título denuncia, trata do caráter afirmativo da cultura que afirma o Estabelecido. A cultura afirmativa não deseja transformar a realidade, é um pensamento típico à época burguesa. Ela confirma valores espirituais bem diferentes da labuta diária. Essa cultura oriunda do negro escravo no Brasil sempre se manteve em diálogo com a realidade, com o Estabelecido. Ela se metamorfoseia, cancela e mantém elementos do *status quo* no intuito de formar síntese que supera o estágio anterior. Foi instrumento de libertação física, de sobrevivência, é instrumento educacional (FERREIRA NETO, 2008, 2009) que hoje ainda continua com um movimento de negação. A negação da Capoeira é a busca pela liberdade.

Essa cultura afro-brasileira é objeto de estudo em diversas áreas do saber humano em diversas partes do mundo. Infelizmente, há um número ínfimo de estudos sobre a mesma no estado do Ceará. Fato esse que deveria ser diferente, pois a Capoeira ocupa vários espaços do território cearense. Trata-se de uma atividade que englobam várias nuances da formação do indivíduo. Sua prática alia corporeidade, musicalidade e oralidade que proporciona uma formação integral. O corpo pensa através dos movimentos que são executados em sintonia com as cantigas e a musicalidade dos instrumentos. Essa simultaneidade harmônica possibilita a instituição de elementos que colaboram para a negação do Estabelecido, pois muda a forma de pensar linear, herança cartesiana.

A vivência de quase vinte anos imersos nessa prática cultural, treinando; jogando; cantando; estudando; coletando material, impresso, visual e auditivo; ministrando, aulas, oficinas e palestras; agregados aos estudos acadêmicos e produções textuais sobre o tema³ nas áreas de educação, história e direito, além dos estudos de filosofia na Universidade Estadual do Ceará foi o que despertou a reflexão filosófica em tela. Quando se ousa realizar uma reflexão filosófica envolvendo uma prática cultural, muitas vezes a primeira reação que se percebe nas pessoas é o espanto e a segunda a rejeição. Felizmente, a reação do orientador dessa pesquisa foi outra e o contato com outros professores de igual opinião encorajou a continuidade do trabalho. Preocupado em realizar um estudo que fosse acessível ao meio no qual o pesquisador está envolvido se desenvolveu a vontade de executar tal tarefa. O contato com o filósofo Marcuse aconteceu no curso de filosofia através do interesse pela Escola de Frankfurt. Acredita-se, aqui, que o mesmo traz uma reflexão crítica sobre a realidade. Esse

3 O autor caminha nas mesmas veredas dos capoeiristas-acadêmicos como o Prof. Doutorando Robson Silva, vulgo Mestre Bobby que além da prática corporal se dedica aos estudos sobre a Capoeira.

interesse aumentou depois da disciplina de História da Filosofia V, ministrada pelo Professor Mestre e Doutorando Alberto Dias Gadanha.

O capoeirista, hoje, é mais que um jogador, ele se interessa mais pela pesquisa, buscando aprofundar e produzir conhecimentos históricos, técnicos e antropológicos. E é nessa perspectiva que se deseja contribuir, rompendo os limites das fragmentações do pensamento ocidental onde tudo tem que ser separado em compartimentos. Aliar a teoria à prática cotidiana dentro dessa manifestação cultural colaborando para o aprimoramento do trabalho pedagógico e a reflexão de sua *praxis* é o grande desafio. Ouvindo frases como – *Mandinga de escravo em ânsia de liberdade* ou a *Capoeira nega ...*, ambas ditas pelo Mestre Pastinha, considerado o filósofo da Capoeira, encontra-se aí um fio condutor entre a Capoeira e o pensamento do Filósofo Marcuse que admite o caráter negativo da cultura e expõe a Negação como categoria central da dialética.

Esse trabalho se divide em três capítulos, além da introdução e conclusão, que se pensa serem relevantes para o tema proposto, a saber: *Possibilidade de uma análise marcuseana sobre a Capoeira*; *Sobre o caráter afirmativo da cultura e o elemento negativo*; e por último, *A capoeira entre a afirmação e a negação do status quo*.

No primeiro capítulo que tem como título *Possibilidade de uma análise marcuseana sobre a Capoeira* realiza-se a introdução ao tema apresentando o filósofo Marcuse e um pouco do seu pensamento para situar o leitor no estudo proposto indicando, ainda, as possibilidades de diálogo. O capítulo seguinte intitulado *Sobre o caráter afirmativo da cultura e o elemento negativo* apresenta-se o estudo sobre o texto norteador do trabalho buscando indicar as características afirmativas e negativas da cultura para em seguida, no capítulo seguinte, relacionar esses conceitos com a Capoeira Regional⁴ e Contemporânea. O capítulo final, *A capoeira entre a afirmação e a negação do status quo*, apresenta-se os elementos de composição dessa manifestação cultural indicando-os como negadores do Estabelecido, identificando a Capoeira como uma cultura de caráter negativo a partir do estudo do texto de Marcuse. Trabalha-se com dois elementos indispensáveis a essa manifestação cultural que são as cantigas e a expressão corporal do raciocínio africano através da mandinga, ambos tendo como base a ancestralidade.

Além do texto principal, buscou-se elementos em outros trabalhos da trajetória intelectual do filósofo em estudo. Em *Eros e civilização*, as funções utópicas e subversivas da arte são enfatizadas. Esse texto apóia a discussão sobre a imaginação e a fantasia, além do

4 Segundo Ferreira (1999, p.400) a Capoeira Regional é uma “Modalidade de capoeira criada por Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado [1889-1974]), e que amplia os conceitos da capoeira tradicional, adicionando-lhe novas possibilidades de golpes, ritmos, sistematização de treinamentos, etc”.

estudo do corpo. Utiliza-se ainda outro texto, a saber, *Sobre a dialética*, para buscar a base metodológica e o *Contra-revolução* e revolta para fundamentação sobre as cantigas.

1. POSSIBILIDADE DE UMA ANÁLISE MARCUSEANA SOBRE A CAPOEIRA

Quando se entra em contato com o termo Capoeira, a academia, apesar dos esforços dos jogadores-estudiosos⁵ que vêm se formando no decorrer dos anos, não o digere muito bem. Os pseudos-intelectuais tem o mal hábito de relacioná-lo apenas ao movimento corporal como se não houvesse um esforço intelectual ou o desenvolvimento de outras habilidades envolvidas naquela prática, e ainda, como se as sensações fossem separadas da razão. Intelectuais como Mário de Andrade, Pierre Verger, Carybé, Jorge Amado, dentre outros que estabeleceram diálogo entre o popular e o erudito são a fonte de inspiração para os mais aventureiros nas veredas intelectuais relacionadas à capoeira.

Nessa primeira parte será exposto o caminho a ser traçado pela opção do filósofo. Pergunta-se sobre a possibilidade do uso da Filosofia em uma pesquisa que tem como tema principal uma cultura nascida em *Terras brasilis* oriunda da resistência cultural do negro-escravo-africano contra o branco-europeu-colonizador. Para um melhor entendimento, o capítulo foi subdividido em três partes, a saber: *O pensamento de Marcuse e sua recepção no mundo e no Brasil*; *A dialética marcuseana*; e por fim, *O movimento dialético e o processo histórico da Capoeira*.

Inicia-se com uma breve exposição sobre o pensamento desse filósofo para se perceber a possibilidade de diálogo com o mesmo. Certamente, o que se realiza aqui é muito superficial frente a grandeza do pensamento do autor. São apresentados em linhas gerais dentro do interesse dessa pesquisa os pontos relevantes para o objetivo do trabalho.

Em seguida será realizada uma introdução à dialética marcuseana a partir do texto *Sobre a dialética*, pois o mesmo é um bom exemplo do método trabalhado pelo filósofo. O resgate do poder do pensar negativo vai ao encontro da negatividade presente na Capoeira. Desde sua gênese essa prática nascida com os escravos no Brasil metamorfoseia-se a partir da negação do Estabelecido.

1.1. O pensamento de Marcuse e sua recepção no Mundo e no Brasil

Procuramos aqui apresentar o filósofo Herbert Marcuse em linhas gerais e um pouco da recepção de seu pensamento filosófico no mundo e no Brasil. Trata-se de um crítico do pensamento moderno e de suas relações com a sociedade, de um filósofo discreto passa a ser celebridade e herói internacional dos estudantes da década de 1960. É o pensador da

⁵ Para Campos (2001, p. 47), o capoeirista, hoje, é um “jogador-estudioso”, ou seja, “[...] aquele que pratica a Capoeira e, ao mesmo tempo se interessa pela pesquisa, aprofundando e produzindo conhecimentos históricos, técnicos e antropológicos”.

recusa ao que é apresentado como mundo real. Seu pensamento mostra atualidade, ainda difícil de ser superada.

O Instituto de Pesquisa Social, filiado à Universidade de Frankfurt, mais tarde conhecido como Escola de Frankfurt foi fundada na década de 1930, pelo filósofo Max Horkheimer e o economista Friedrich Pollock. Essa escola intelectual teve um elenco de pensadores que influenciaram a sociedade contemporânea, entre eles, pode-se citar: Theodor Adorno, Walter Benjamin, Leo Löwenthal, Jürgen Habermas e Herbert Marcuse. O pensamento deste último, centro dessa pesquisa, sem dúvida ocupa uma posição de destaque nesse grupo.

Marcuse nasceu em Berlim, em 1898 e faleceu em 1979 em Frankfurt. Estudou com Heidegger e Husserl, tendo o primeiro exercido maior influência. Doutorou-se em filosofia. Foi para Genebra, Suíça quando os nazistas conquistaram o poder governamental na Alemanha. O Instituto de Pesquisa Social emigrou de Frankfurt para Colúmbia, onde Marcuse continuou suas pesquisas (MACINTYRE, 1970). Forçado por circunstâncias históricas, como imigrante nos EUA, encontra nesse país o local para desenvolver suas pesquisas e produzir grande parte de suas obras.

Ele se torna conhecido no Brasil em meados da década de 1960, período que acontecia os movimentos de rebeldia que culminou nos eventos de 1968. O pensamento do filósofo Marcuse adentra em solo brasileiro com bastantes restrições, não penetra no Brasil através da academia. A USP não digeriu muito bem a negatividade da teoria crítica da Filosofia Pop de Marcuse. Em 1968, os primeiros estudos surgem sobre o assunto, o citado filósofo era tido como um *ideólogo do movimento estudantil* (LOUREIRO, 2009).

Uma série de equívocos constituíram a chegada do pensamento marcuseano ao Brasil. As obras chegavam com atraso. A coleção *Os Pensadores* reuniu ensaios em um volume dedicado à Escola de Frankfurt. Entre os autores figuravam os grandes nomes da escola, a saber, Benjamin, Adorno, Horkheimer e Habermas, mas Marcuse foi deixado de fora. Apenas em 1990 que se pode afirmar uma recepção de Marcuse pelo espaço acadêmico brasileiro (ARANTES *apud* LOUREIRO, 2009).

Sua obra permaneceu durante muito tempo obstruída por uma operação que tinha o intuito de desacreditar sua contribuição teórica. Seus textos de 1934 e 1938 para a *Revista de Pesquisa Social* do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt foram reunidos em um volume publicado em 1965 na Alemanha, foram também parcialmente publicados em uma revista norte-americana intitulada *Negations*, em 1968. Essa mesma publicação só chegou ao Brasil na década de 1990 sob o título de *Cultura e Sociedade*. São esses escritos que colocam

o filósofo no contexto da Teoria Crítica da Sociedade, conhecida sob a denominação de Escola de Frankfurt (MAAR *in* MARCUSE, 2006).

Segundo MacIntyre (1970) o pensamento de Marcuse era restrito aos círculos intelectuais. Sua análise do homem na sociedade moderna industrial transformou-se em fonte de ideias e *slogans* revolucionários. A filosofia tem a tarefa vital de criticar outras filosofias existentes, sua função essencial é a de criticar aquilo que existe. A filosofia pode oferecer explicações da estrutura do pensamento em épocas e lugares distintos e variados, pois também oferece um ponto de vista que transcende as barreiras do tempo e do espaço. As ideias dos filósofos, queiram ou não, são base e influem na vida moral, social e política. Marcuse é base para quem se interessa por uma crítica da ordem social, da vida como ela se constitui. “O que ele realmente fez foi sustentar o papel de crítico persistente do pensamento moderno e das relações deste com a sociedade moderna. E foi nesse papel de crítico que ele se tornou um grande líder influente da esquerda política” (MACINTYRE, 1970, p. 9).

O filósofo Herbert Marcuse oferece uma grande contribuição à Escola de Frankfurt, entre elas, “As análises da cultura afirmativa” que “anunciam uma crítica da mídia cujo desfecho são as análises da indústria cultural de Adorno” (MAAR *in* MARCUSE, 2006, p. 11-12). Este trabalha junto com Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento*. No texto dos dois frankfurtianos apresenta-se o conceito de indústria cultural. Hoje, percebe-se,

[...] nessa era da *mídia* e da mundialização da cultura, mostram-se com toda sua clareza os dividendos da *cultura afirmativa*, denunciada por Marcuse há mais de meio século em análises sem as quais seria por certo impossível toda a elaboração da Escola de Frankfurt relativa à *indústria cultural* e a elaboração de uma Teoria Crítica da Sociedade do capitalismo tardo-desenvolvido (MAAR *in* MARCUSE, 2006, p. 12).

Em *Sobre o caráter afirmativo da cultura*, de 1937, texto central desse estudo, Marcuse focaliza a função ideológica da cultura dentro do problema da formação do sujeito na sociedade capitalista. Dizer que a cultura possui um caráter afirmativo significa questionar a sua negatividade, sua luta libertária e a dimensão emancipatória.

A cultura não é crítica, mas integradora: faz parte das condições sociais que favorecem a perpetuação da sociedade vigente. O caráter afirmativo da cultura apreendido por Marcuse, apresentado com toda sua clareza na sociedade de massas do capitalismo na nova ordem intervencionista na economia de mercado, constitui uma conceitualização dessa questão. A crise ideológica se revela social, dotada de um caráter afirmativo (MAAR *in* MARCUSE, 2006, p. 26).

O homem tem seu modo de agir condicionado ao universal. A cultura afirmativa é caracterizada por um movimento de privatização e interiorização de demandas ligadas às

carências materiais-sensíveis. Nas relações sociais impostas pela sociedade capitalista dentro desse complexo de relações materiais de trabalho a satisfação ilusória da alma seria a possibilidade de felicidade. As pessoas sentir-se-iam felizes, mesmo ilusoriamente. Marcuse expõe através da análise do caráter afirmativo da cultura o alicerce sobre o qual serão construídas as bases da manipulação das massas. O plano material, sensível da realidade sustenta a felicidade aparente e transitória, obstruindo os mecanismos potenciais de emancipação. Loureiro (2009, p. 207) apresenta em seu artigo, Marcuse como um filósofo político “[...] traço que o distingue dos demais filósofos da Teoria Crítica – que pensa a política não como atividade de profissionais especializados em disputa pelo poder de Estado, mas como participação ativa dos indivíduos nos assuntos que lhe dizem respeito”.

A arte, a estética, o corpo, a política são temas de seus estudos. Em *Eros e Civilização*, ele enfatiza as funções utópicas e subversivas da arte, caracteriza a sociedade de consumo, além de apontar saídas para as relações humanas dentro de uma sociedade que se apropria dos homens. Em *A ideologia da sociedade industrial* aponta o papel conservador e afirmativo da arte. Em *An Essay on Liberation* ressalta novamente as potências subversivas e a importância de uma revolução cultural. Em *Contra-revolução e revolta* e em *A dimensão estética* sustenta a distância que a arte precisa manter em relação à realidade para continuar sendo arte (KANGUSSU, 2008). Certamente, não há fôlego intelectual para comportar em um trabalho monográfico todas essas obras, mas algumas destas são abordadas aqui tendo como texto principal, *Sobre o caráter afirmativo da cultura*, como norte do estudo. O filósofo em estudo tem na dialética o método de seu pensamento. A percepção de uma realidade intolerável que é recusada está na origem do negativo, e a origem deste negativo é um movimento de liberdade.

1.2. A Dialética marcuseana

O texto *Sobre a dialética*⁶ explica o método marcuseano, a saber, a dialética. O estudo desse texto se orienta pelo artigo intitulado *A expressão de Herbert Marcuse, liberdade como categoria ontológica, contempla exigências hegeliano-marxistas de um processo revolucionário*⁷.

No estudo que ora se apresenta, a negação é exposta como a base do método dialético. A dialética não é só crítica a uma lógica do conformismo, uma crítica ao estado de coisas existente, nega também a realidade das contradições. Nesse texto, Marcuse (1960) tem

6 Com tradução de Alberto Dias Gadanha

7 Artigo de autoria de Alberto Dias Gadanha, 2011.

o intuito de revitalizar o poder do pensar negativo. Afirmando que a dialética tem como categoria central, a Negação. Afirma ele que “O poder do pensar negativo é a força motriz do pensamento dialético” (MARCUSE, 1960, §1). E o que é a Capoeira, senão, a negação daquilo que está posto? Sua essência libertadora, desde sua gênese é luta pela liberdade de expressão dentro e fora do universo da roda, micro representação da roda da vida, da roda do mundo. Por meio da filosofia marcuseana, por meio de uma breve exposição do método dialético do citado filósofo procura-se, aqui, entender a Capoeira.

Marcuse (1960) inicia seu trabalho citando Hegel e apontando para o poder do pensar negativo. Felizmente, o pensamento filosófico recusa as verdades impostas e inicia o processo de recusa. Enquanto a razão científica e o senso comum tentam se liberar dessa contradição da realidade, os seus conceitos estão saturados de experiência, experiências de um mundo que se contradiz o tempo todo. O universo da Capoeira espelha a contradição social que é contemplada pela investigação científica e pelo olhar do senso comum.

“O pensamento dialético invalida a oposição *apriori* entre valor e fato, compreendendo todos os fatos como etapas de um único processo – processo em que sujeito e objeto estão tão unidos que a verdade só pode ser determinada no âmbito da totalidade sujeito-objeto” (MARCUSE, 1960, §4). Compreender a ultrapassagem dialética é a compreensão das contraposições que ultrapassam o entendimento conjunto e explica o porquê da contraposição do que antes poderia não estar esclarecido. Segundo Gadanha (2011, p. 27):

O pensar dialético considera a subjetividade como um elemento – fundamento de sua linguagem. A linguagem e o pensar são a expressão dos impasses da subjetividade. A realidade é o cenário e o personagem com que a subjetividade atua. A realidade além de destacar a presença dos elementos do sujeito, ela própria se constitui pelo sujeito.

O pensamento dialético é um elemento de liberação presente no contingente. A análise dialética revela significados escamoteados pela realidade. O pensar é a capacidade de compreender os processos dinâmicos que são movidos pela relação entre sujeito e objeto. A subjetividade é um elemento fundamento de sua linguagem. Tanto os fatos como os valores estabelecidos pela subjetividade estão presentes no institucionalizado. “Todos os fatos incorporam tanto quem os conhece quanto quem os executa. Eles constantemente convertem o passado no presente, e os objetos, portanto ‘contêm’ subjetividade, em sua própria estrutura” (MARCUSE, 1960 § 04).

A afirmação, aceitação submissa da realidade, parece ser a única possibilidade de teoria e compreensão no mundo dominado pela máquina capitalista. O universo do discurso e

da ação são estranhos ao modo dialético do pensamento. “O pensamento dialético começa com a experiência que o mundo não é livre [...] o pensamento corresponde a realidade só enquanto ele transforma a realidade por compreender sua estrutura contraditória” (MARCUSE, 1960, §8).

O pensamento busca a transformação do mundo contraditório. A busca pela liberdade é a base da eliminação desse mundo não-livre, portanto, também a estrutura do pensamento dialético. Para o filósofo em tela, a liberdade é, em sua essência, negativa, constituindo a dinâmica mais profunda da existência. Na realidade humana, há fatores e forças históricas, e a negação é uma negação conceitual e política.

O próprio processo da existência em um mundo não-livre é a negação contínua daquilo que ameaça negar a liberdade. “A negação é determinada ao se referir ao estado estabelecido de coisas, aos fatores básicos e às forças que agem para sua destruição, assim como a possíveis alternativas além do *status quo*” (MARCUSE, 1960, §16).

Marcuse apresenta a linguagem como elemento por uma negação, como uma Grande Recusa⁸. A realidade é diversa da que está codificada na lógica e na linguagem dos fatos. É necessário um esforço para quebrar o poder dos fatos sobre a palavra. É necessário a utilização de uma linguagem que não seja a daqueles que estabelecem, reforçam e se beneficiam dos fatos. Como o poder dos fatos tem a tendência de domínio na sociedade estabelecida parece impossível pensar numa oposição. Assim, a linguagem da negação parece cada vez mais distante, utópica, irracional e impossível. Na linguagem reside o poder de negar as coisas. O pensamento faz viver nos indivíduos o que não existe, aponta para uma nova prática, uma postura de não violência física e cultural.

Desde que o estabelecido universo do discurso é o de um mundo não-livre, o pensamento dialético é necessariamente destrutivo, e qualquer que seja a libertação que tal discurso possa trazer é uma libertação em pensamento, em teoria. Entretanto, o divórcio entre pensamento e ação, entre teoria e prática, faz parte mesmo do mundo não livre. Nenhum pensamento e nenhuma teoria podem desfazer isto; mas a teoria pode ajudar a preparar a fundação para sua possível reunião, e a habilidade de pensamento para desenvolver uma lógica e uma linguagem de contradição é um pré-requisito para esta tarefa (MARCUSE, 1960, §18).

No mundo em que se vive, busca-se a liberdade. Tal liberdade é a negação do estabelecido que só através do pensamento, que é em essência negativo, se consegue ter a fundamentação para modificar a realidade. O pensamento dialético é revolucionário, pois nega o Estabelecido. Através dessa negação, muda-se o *status quo* e busca-se a liberdade,

8 O termo *Grande Recusa*, segundo Kangussu (2008, p. 149), Marcuse toma emprestado de Whitehead [...] transforma em uma atitude radical diante da desrazão do mundo dado. O *motto* da Grande Recusa tornou-se *slogan* nos protestos estudantis dos anos 60 do século XX.

negação da opressão.

[...] liberdade é para Hegel, uma categoria ontológica, isto significa ser, não um mero objeto, mas sujeito de sua própria existência, não sucumbir a condições externas, mas transformar fatalidade em realização. Esta transformação é, de acordo com Hegel, a energia da natureza e da história, a estrutura interna de todo o ser! Pode-se sentir tentado zombar desta ideia, mas deve-se estar ciente de suas implicações. (MARCUSE, 1960 § 7)

Marcuse entende a liberdade como categoria ontológica, como um fundamento da prática revolucionária. Segundo Gadanha (2011, p. 14) “A prática revolucionária que exige transformar fatalidade em realização, e que configura tal transformação a partir da própria energia da natureza e da história”. Nessa lógica de reciprocidade a realidade é efetivação da razão que o pensar filosófico configura como verdade, como o conteúdo racional presente exigido pela alteração revolucionária do que está estabelecido, do *status quo*. “A função libertadora do pensar dialético torna-se possível pela reciprocidade entre a *libertação histórica efetiva* [...] e o *progresso na consciência da liberdade*” [...] (*Ibidem*).

Como já foi dito, a liberdade tem uma essência negativa e é com essência negativa que a Capoeira continua seu processo de síntese com foco na superação. A negação do Estabelecido realizada pela Capoeira não é um simples negar, na dialética não se nega por negar. O negar age no sentido de cancelar e manter. O simples negar, ou negar por completo paralisa o movimento. A negação da Capoeira é a busca pela liberdade. Sua essência é negativa. O duplo caráter que a cultura carrega, e que é demonstrado dentro do processo histórico, é transportado para uma análise da história da capoeira. No item seguinte aponta-se o desenvolvimento da capoeira dentro de uma perspectiva dialética. Sua relação constante com o Estabelecido a modifica, no entanto, sempre pode-se perceber sua essência negativa.

1.3. O movimento dialético e o processo histórico da Capoeira

No trabalho de Vieira (1998), o orientador atribui um título fictício a seu estudo chamando-o de *A capoeira ou a dialética do corpo*. Explica que os desavisados se indagariam sobre a relação entre a Capoeira, uma cultura popular e a dialética, um método filosófico que exprime um trabalho do pensamento. Expõe que essa prática cultural é uma manifestação empírica da dialética. É um pólo antagônico à realidade que se manifesta. A Capoeira sempre busca um ponto de equilíbrio, se acomoda em uma nova situação na intenção de superar o estado anterior seja na roda, na hora do jogo ou na roda da vida. A liberdade é uma das características intrínsecas à sua prática. Os negros a desenvolveram quando estavam tendo sua cultura destruída pelo branco-europeu-colonizador.

Partindo da História da Capoeira pode-se verificar que nem sempre ela manteve uma essência negativa. E hoje, talvez, essa essência esteja cada vez mais distante. Acredita-se, aqui, piamente, que o papel daquele que instrumentaliza a Filosofia seja o de criticar a realidade estabelecida que se plasma em sua volta. Tenta-se estabelecer uma crítica, negando a estrutura que se forma, mas não apenas a cancelando, destruindo-a conceitualmente. Tenta-se, através do processo dialético que mantém e cancela elementos, expor uma busca pela superação, uma síntese.

Aponta-se na história, períodos em que o homem encontra forças para transcender sua realidade. Assim como acontece com o pensamento filosófico, a cultura em estudo também manifestou deste sua gênese uma mutação contínua em sua forma estética, onde o negro vem modificando seu *habitus* de acordo com as necessidades da época. Sua plástica desenhada em movimentos e musicalidade, corporeidade e oralidade, diferem de época para época assumindo posições e objetivos diversos em relação à realidade concreta.

Os conceitos estão saturados de experiência, experiências de um mundo em que a sociedade se contradiz o tempo todo, porém a razão científica e do senso comum tentam se liberar dessa contradição. Felizmente, o pensamento filosófico recusa as verdades impostas e inicia o processo de recusa:

A negação, que a dialética aplica a estes conceitos não é só crítica a uma lógica do conformismo, que nega a realidade das contradições, é também, uma crítica ao estado de coisas existente em seu próprio fundamento – do sistema estabelecido de vida, que prejudica suas expectativas e potencialidades (MARCUSE, 1960, §2).

No século XVI, o Brasil era colônia portuguesa, os portugueses, grandes navegadores, trouxeram no interior dos navios negreiros, os negros africanos, arrancados de sua terra natal, e tratados como animais. Os africanos foram escravizados e atuavam nos canaviais e nos serviços domésticos. Eram propriedades, mão de obra barata, para enriquecer o *sinhô*⁹ (*sic*). Negros de vários pontos da África vieram parar em solo colonial, os letrados e os iletrados, das mais variadas culturas.

A primeira imagem associada aos escravos africanos é a figura homogeneizadora do barco negreiro. [...] são caracterizados pelo *status* genérico de *escravos*¹⁰. No imaginário coletivo, a condição inferior de escravo aparece então como traço marcante do africano (RIBARD, 2008, p. 12).

9 Segundo Ferreira Neto (2009) o termo é uma corruptela de senhor, linguagem muito utilizada pelos negros.

10 Segundo Ribard (2008) a origem da palavra *escravo* é oriunda do nome *slavo*, das populações do leste europeu, revela que a associação entre o *status* de escravo e as populações africanas correspondeu a um momento específico da história, ligado a necessidade de mão-de-obra abundante e gratuita para produção colonialista e latifundiária da *plantation*.

Desse modo, a possibilidade de enxergar o impacto cultural oriundo dessa população africana aparece como remota. Porém, sabe-se que “[...] os africanos que aportaram aqui eram oriundos de diferentes camadas sociais: sacerdotes, guerreiros, reis ou simples pastores, ligados aos mais diversos ofícios e vindos das mais variadas regiões” (*Ibidem*). Os africanos descobriram através dessa dura experiência a possibilidade de unidade entre eles através da língua “[...] a palavra que os escravos detinham em comum pode ter sido deixado de ser para eles apenas um significante, revelando afinidades mais profundas, para tornar-se, ela mesma, um dos elementos constitutivos de sua nova identidade” (SLENES, 1992, p. 59). Os escravos não demoraram a entender que estavam todos sob o mesmo jugo e iniciaram um movimento de negação contra a realidade que se apresentava.

Que navio é esse que chegou agora
É o navio negreiro com os escravos de Angola

Vem gente de Cambinda, Benguela e Luanda
eles vinham acorrentados prá trabalha nessas bandas (*sic*)
[...]
Aqui chegando não perderam sua fé criaram o samba, a capoeira e o
candomblé.
[...]
Acorrentados no porão do navio muitos morreram de banzo e de frio.
[...] (CAMISA, 1997, p. 93).

Aos negros eram impressos maus tratos na intenção de desumanizá-los, eram submetidos a castigos corporais públicos, muitos deles morriam sob essas condições. Os europeus não aniquilavam apenas seus corpos, mas também sua identidade cultural. Foram trazidos negros de vários pontos da África, misturados para dificultar a manifestação de suas tradições. “A realidade estabelecida parece suficientemente promissora e produtiva para repelir e absorver todas as alternativas [...] a aceitação [...] desta realidade parece ser o único princípio metodológico razoável” (MARCUSE, 1960, §3). Como narra a cantiga acima muitos morreram, mas outros nessa condição de não-liberdade não cedem às ações de seus algozes e resistem criando artefatos culturais de sobrevivência.

Então, os negros dão os primeiros passos, para o que mais tarde, iria se chamar de Capoeira. A Cultura africana, pulsante em seus corpos, surge neste contexto, como negação desta realidade opressora, como instrumento de resistência. Ela manifesta-se em um corpo único, dança, movimento, jogo, religião. Não se expressa através em corpo fragmentado pelo pensamento ocidental.

A liberdade é síntese de um movimento que se inicia com a negativa, “[...] constitui a dinâmica mais profunda da existência, e o próprio processo da existência em um

mundo não-livre é a negação contínua daquilo que ameaça negar (*aufheben*) a liberdade” (MARCUSE, 1960, §9). O negro manifesta-se com sua miscigenação cultural, negando a opressão ocidental.

*Se não fosse o escravo não existiria a capoeira [...]*¹¹ a Capoeira surge como a negação do regime escravocrata. A opressão do branco colonizador é a afirmação do Estabelecido, a resistência do negro africano escravizado é a negação, ele é o oprimido resistente e a síntese são as manifestações culturais fruto dessa luta em solo colonial. As diversas culturas desenvolvidas aqui, entre elas, a Capoeira, negam a ordem vigente. A Capoeira, como tudo oriundo do negro, entra para um estado de ilegalidade. A capoeiragem é praticada não só pelo negro, mas pelo mulato, pelos brancos, ela é a luta dos guetos. Frente a esse *status* marginal surge um movimento por sua legalização. Para que isso se torne realidade o negro tem que ceder e admitir elementos da cultura dominante.

Essa prática cultural que estava em um estado de ilegalidade desde suas primeiras manifestações teve que aderir ao plano da classe dominante assimilando elementos desta para que continuasse a existir. Ela se transformou para continuar seu desenvolvimento. Com o passar dos anos foi ganhando cada vez mais um formato de mercadoria. Teve seu aprendizado compartimentalizado nas caixinhas cartesianas do conhecimento ocidental. Seu praticante era visto como um cancro social.

[...] no período que antecedeu à libertação dos escravos no Brasil, a capoeira já se assumia como uma espécie de dança guerreira, presente rotineiramente nas cenas urbanas das grandes cidades, à época, em especial no Rio de Janeiro e Salvador, recebendo, nesta fase, a alcunha de “capoeiragem” (SILVA, 2007, p. 55).

Ao mesmo tempo, a Capoeira vai ganhando espaço nas camadas mais abastadas da sociedade, inclusive no cenário político da época. O capoeira “[...] servia aos interesses tanto dos monarquistas quanto dos republicanos, [...] deste modo, pode ser percebida a importância das forças políticas para a proliferação da capoeira, bem como para o seu desvirtuamento” (*Ibidem*). A partir desse momento também nota-se a figura do capoeira, além da contraposição ao *status quo*, também no intuito de servir aos interesses dos mesmos. O capoeira era ao mesmo tempo um agente repressor e transgressor da ordem dominante. Eles realizavam ao mesmo tempo o enfrentamento ao aparato policial e a ordem escravista, participavam ativamente das lutas políticas dentro dos grupos dominantes, e ainda, eram capangas dos senhores da Corte.

O incômodo que os capoeiras causavam era nítido, amedrontava toda a sociedade

11 Trecho de cantiga cantada nas rodas de capoeira.

urbana da época, a punição para os capoeiras era mais acentuada do que a qualquer outro tipo de criminoso. A manifestação dessa cultura era comum nas ruas da capital, trazia medo e transtorno a população. Os capoeiras se juntavam em grupos denominados de Maltas de Capoeira¹².

Os capoeiras eram temidos pelos policiais e pelas classes mais abastadas. Em 1808, com a chegada da família real ao Brasil, acontece a criação da instituição policial, aquela que iria acelerar a perseguição aos capoeiras. Capoeira, no início do século XIX, era um jargão policial, um tipo social, tipo marginal que ameaçava a ordem escravista, a ordem urbana. Rego (1968, p. 291) afirma em sua obra que: “O Capoeira desde o seu aparecimento foi considerado um marginal, um delinqüente, em que a sociedade deveria vigiá-lo e as leis penais enquadrá-los e puni-los.” A primeira codificação penal brasileira, ou seja, o *Código Penal do Império do Brasil*, de 1830 traz a figura do capoeira de maneira implícita no texto contido no capítulo IV que tratava *Dos vadios e mendigos*. A Capoeira, neste contexto, é afastada das ruas e praças públicas, sai do cenário urbano e passa a ser praticado nos terreiros e morros. A República com o *Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil* de 1890, deu-lhe tratamento específico no capítulo XII, intitulado *Dos vadios e Capoeiras*, declarando claramente sua ojeriza à prática desta cultura urbana.

Em meados da década de 1920, Mestre Bimba surge com uma nova proposta de ensino da Capoeira, que iria tirá-la da marginalidade. A Capoeira Regional ou Luta Regional baiana, pois na época era conhecida assim, tendo em vista que a Capoeira era uma prática proibida, surge como negação deste estado de ilegalidade.

Segundo Marcuse (1960, p.§16):

A negação é determinada ao se referir ao estado estabelecido de coisas, aos fatores básicos e às forças que agem para sua destruição, assim como a possíveis alternativas além do *status quo*. Na realidade humana, há fatores e forças históricas, e a negação determinada é finalmente uma negação política.

O movimento idealizado pelo Mestre Bimba tem fundo político. O Mestre recusava-se a aceitar a Capoeira como atividade marginal, assimilou elementos da ordem vigente como o academicismo e o militarismo. Foi inovador e ousado, se contrapôs até contra os outros capoeiristas para imprimir uma nova forma à essa minifestação cultural. Encarou o caráter dinâmico da cultura e realizou uma metamorfose para continuar existindo, porém dentro da legalidade e cedendo a interesses políticos. O então presidente, Getúlio Vargas,

12 A malta de Capoeira era formada por três ou até cem indivíduos que tinha o caráter de associação de resistência entre os escravos e homens livres pobres na cidade do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. Destacam-se, entre várias, a Malta dos Guaiamus e dos Nagoas.

utiliza essa manifestação cultural assim como outras, para sua propaganda nacionalista. Dentro desse período de ilegalidade, Mestre Bimba recebe título de educador físico e alvará de funcionamento de um Centro de Cultura Física, na década de 1930. Inicia, assim, os primeiros passos de aceitação pela sociedade, mas assimilando dessa, valores que iriam compor o corpo dessa nova forma de prática ou, para alguns, para essa nova modalidade.

O mestre foi acusado de embranquecer a Capoeira. Influenciado pela classe média, presente em sua escola, representada por alunos universitários e militares. Ele se posiciona contra o estigma de marginal que o capoeirista da época carregava. Ele nega essa formatação e imprime um novo caráter, o de esporte, de educação.

Os mais tradicionais negam essa postura, mas não a anulam de todo, cancelam algo, mas mantém outro algo. Regras, uniformes, método passam a fazer parte de uma manifestação que se opunham a toda uniformização e previsibilidade. A Capoeira Angola, que tem em Mestre Pastinha seu maior expoente, surge como negação da Regional de Bimba, mas carrega em seu corpo elementos desta.

Aglutinando aspectos das manifestações anteriores, em meados da década de 1970, surge o estilo regional-senzala, que elitiza essa arte, padronizando-a sob conceitos fordianos. Esse método é fundamentado na *sequência de Bimba*¹³ a qual foi adicionada uma ginástica de aquecimento no início das aulas como movimentos de alongamento, abdominais, flexões e até mesmo ginástica com peso. Segundo Capoeira (2009, p. 96) o estilo regional-senzala é um método de ensino usado nas academias e é muito bem estruturado. Esse método permite um rápido aprendizado por parte do principiante, porém diminui a capacidade de improviso, espontaneidade e singularidade dos jogadores, pois nesse tipo de aula “todos os jogadores jogam igualzinho, uns melhor e outros pior [...] (‘robô’, dizem os mais críticos)”.

[...] a Capoeira de hoje é capitalista [...] a frase não se *pode* aplicar a toda Capoeira, mas sim a grandes porções dos estilos hoje massificados, a Angola, Regional e Contemporânea-Senzala¹⁴. [...], a simples observação das respectivas gingas, fornecerá elementos para considerá-los estilos massificados. (RABELO *apud* FERREIRA NETO, 2010, p. 7).

O mestre continua dizendo que Capoeira “[...] é capitalista não por ser cara, mas por reproduzir, timentim por timentim, aspectos fundamentais da ideologia do sistema em que vivemos [...]” (*Ibidem*). Além do método uniforme de ensino e prática, há, ainda, um respeito acentuado às hierarquias. Na Capoeira, assim como “[...] no sistema capitalista o respeito à autoridade, à hierarquia, é necessário ao funcionamento das instituições [...]” (*Ibidem*). Dessa

13 Segundo Capoeira (2009) são oito sequências de movimentos para serem realizadas por uma dupla, no intuito de facilitar o aprendizado.

14 O autor se refere ao estilo regional-senzala.

forma os líderes dos grupos podem ter o controle sobre os integrantes. O respeito no sentido de que um manda e os outros obedecem, é um respeito que aprisiona e não liberta afastando-se da essência libertadora da Capoeira. Não aponta-se aqui, a hierarquia para a organização, mas a que manipula o outro, sob interesses próprios.

Hoje, os grupos são negações recíprocas que mantêm e cancelam diversos elementos. Em um movimento de vai-e-vém, de retorno ao passado e negação do mesmo. Com a obscuridade e os mistérios inventados e existentes passados pelos mestres que também apresentam semelhantes características. A percepção de uma realidade intolerável e que é recusada está na origem do negativo, e a origem deste negativo é um movimento de liberdade. A liberdade é, em sua essência, negativa. Segundo Mestre Decênio, discípulo de Bimba, no documentário *Mestre Bimba – A capoeira iluminada*, “A alma da capoeira é a liberdade”. A Capoeira tem em-si um caráter revolucionário, subversivo que não aceita o estabelecido. A seguir, parte-se para a definição dos conceitos de cultura afirmativa e negativa para no último capítulo realizar a discussão desses conceitos em relação à Capoeira.

2. SOBRE O CARÁTER AFIRMATIVO DA CULTURA E O ELEMENTO NEGATIVO

Esse capítulo objetiva realizar a exposição do texto de Marcuse, a saber, *Sobre o caráter afirmativo da cultura*, trazendo à luz alguns conceitos necessários para realização do diálogo com a cultura popular de matriz negra ora estudada. Tenta-se responder as seguintes indagações: *O que é o caráter afirmativo da cultura?*; e *O que é o caráter negativo?*. Para exposição dos conteúdos o capítulo segundo foi dividido nas seguintes partes: *O caráter afirmativo da cultura*; *O caráter afirmativo da cultura*; *A separação entre corpo e alma na cultura afirmativa*; e por último; *A liberdade na fantasia*, que por sua vez é dividido em dois subtópicos, a saber: *A memória e A fantasia, a imaginação e o impulso lúdico*.

O estudo do texto de Marcuse nesse trabalho se dirige pela pesquisa de Imaculada Kangussu (2008) intitulada *Leis da liberdade – A relação entre estética e política na obra de Herbert Marcuse*. Ressalta-se ainda o estudo de Pagni (2003) e de Jesus & Camara (2007) que também colaboram para a compreensão do texto filosófico.

Na primeira parte, expõem-se as características afirmativas da cultura para que se compreenda o conceito de cultura afirmativa. Em seguida, os aspectos de negação são apontados para a configuração do caráter negativo da cultura. Depois, verifica-se a separação entre corpo e alma dentro do conceito de cultura afirmativa. E por fim, realiza-se um estudo sobre a fantasia contida no texto de *Eros e civilização*, por entender essa categoria como instrumento de negação presente na prática da Capoeira.

2.1. O caráter afirmativo da cultura

Na obra a ser investigada, os conceitos de cultura afirmativa e negativa são analisados, a partir de Marcuse (2006) e orientado pelo estudo de Kangussu (2008). Baseado nesses conceitos busca-se realizar uma crítica e a identificação dessas características nessa arte afro-brasileira. Será utilizado, como método, a dialética tendo como base o filósofo em estudo.

O texto intitulado *Sobre o caráter afirmativo da cultura*, de 1937, foi publicado inicialmente na *Revista de Pesquisa Social*. Essa revista publicada na década de 1930 reunia ensaios que mostravam a contribuição fundamental de Marcuse para a elaboração da Teoria Crítica da sociedade. No Brasil esses textos só foram publicados na década de 1990 em dois volumes sob o título de *Cultura e Sociedade* respectivamente nos anos de 1997 e 1998 (LOREIRO, 2009). Esse texto encontra-se no primeiro volume que se apresenta aqui uma

cópia da segunda edição de 2006.

Neste ensaio, o filósofo Herbert Marcuse apresenta dois possíveis conceitos para cultura. Primeiro indica a cultura como totalidade da vida social, engloba o mundo espiritual, plano da reprodução ideal e o plano da reprodução material, da civilização. Mesmo com essa distinção interior há uma unidade histórica. Na outra definição o conceito de cultura opõe o mundo espiritual e o mundo material, esse é o conceito burguês de cultura. Ele retira o mundo espiritual do todo social, diferencia cultura de civilização e separa a civilização do processo social.

Marcuse revela, em sua obra, as articulações da esfera política com a estética. Primeiro ele apresenta a relação entre conhecimento e práxis no período da Grécia clássica. Depois, as relações da sociedade com a cultura a partir da ascensão da burguesia ao poder. Por último, as mudanças decorrentes do crescimento de regimes totalitários e do capitalismo monopolista. O pensamento clássico evidencia a oposição entre o útil e necessário, de um lado, e o belo, de outro; isso traz como consequência o aparecimento da cultura afirmativa “[...] alienada do mundo da vida e instalada no do ideal, serve de refúgio para os pensamentos e as aspirações *mais elevadas*, possibilitando com isso a resignação ao assim chamado mundo real, em que tais enlevos ficam desabrigados” (KANGUSSU, 2008, p. 23).

A citada autora indica que o ensaio do filósofo da Escola de Frankfurt pode ser lido como uma espécie de arqueologia do caráter ideológico da cultura. Marcuse parte da relação entre cultura e práxis no mundo clássico indicando como aquela foi se distanciando desta sendo assim aprisionada em um mundo ideal. Os valores que não podem ser realizados na vida cotidiana, pois poria em risco a estrutura social burguesa, são transferidos para um campo espiritual. Neste mundo espiritual todos têm acesso irrestrito a partir de seu âmbito privado. O caráter afirmativo assumido pela cultura eleva o indivíduo por meio da própria experiência a partir de sua liberdade interior.

Aristóteles estabeleceu hierarquia entre os diversos saberes, os que atendiam as necessidades cotidianas como mais inferior e o conhecimento filosófico, superior e capaz de proporcionar a felicidade. Em *Ética a Nicômaco* percebe-se que o bom, o belo e o verdadeiro não podem ser entendidos como valores universais. O disforme o nascido em família vil não poderiam ser felizes, pois a beleza e a nobreza de nascimento eram condições indispensáveis para a felicidade. Da mesma forma, para Platão, em a *República*, os homens eram diferenciados ontologicamente e isso determinava a natureza de suas tarefas. Cada um deveria conhecer o seu lugar na sociedade, pois dessa forma a ordem seria mantida na cidade.

Na Grécia clássica, essas diferenças de natureza ontológica foram naturalizadas e

justificavam, sem problemas de consciência, o fato de uma parcela da sociedade se dedicar a verdade e a beleza enquanto a maioria era obrigada a usar sua efêmera existência para prover as necessidades vitais. Essa separação entre o mundo sensível e inteligível, entre o belo e o necessário tinha em si uma forma política de existência.

Por causa de sua inegável materialidade (*Stofflichkeit*), a práxis material (*materiell*) seria isenta da responsabilidade pelo verdadeiro, bom e belo, que, por sua vez, deveria se conservar na ocupação teórica. O isolamento ontológico dos valores ideais em relação aos materiais tranquiliza o idealismo no que concerne aos processos vitais materiais. Uma forma histórica determinada da divisão social do trabalho e da estruturação social de classes se converte para ele numa forma metafísica eterna da relação entre o necessário e o belo, a matéria e a ideia (MARCUSE, 2006, p. 94).

O mundo material tinha o valor graças a algo distinto da mesma, a saber, a verdade, o bem e o belo que advinham de outra dimensão. Essas atividades que garantiam a sobrevivência eram em essência, não verdadeiras. As relações materiais da existência não faziam parte dos interesses da filosofia idealista no período clássico, pois não eram consideradas a realidade efetiva, estando assim distantes do ser.

A teoria da relação entre o necessário – o trabalho e a beleza – o prazer sofreu modificações na época burguesa. A ideia da universalidade da cultura substituiu a ideia de que os valores supremos pertenciam apenas a uma parte ínfima dos indivíduos. A ideia de que uns eram destinados ao trabalho necessário e outros destinados ao cultivo do belo deixou de ser tolerado. A bandeira de libertação do indivíduo alçada pela revolução burguesa surge com uma nova proposta de felicidade. A felicidade foi convertida pela burguesia em assunto do âmbito privado. A felicidade não é deste mundo, mas do mundo do espírito. Tal pensamento permite a resignação diante da miséria e sofrimento do mundo exterior. Segundo Marcuse (2006, p. 95-96):

Cultura afirmativa é aquela cultura pertencente à época burguesa que no curso de seu próprio desenvolvimento levaria a distinguir e elevar o mundo espiritual-anímico, nos termos de uma esfera de valores autônoma, em relação à civilização. Seu traço decisivo é a afirmação de um mundo mais valioso, universalmente confirmado, eternamente melhor, que é essencialmente diferente do mundo de fato da luta diária pela existência, mas que qualquer indivíduo pode realizar para si 'a partir do interior', sem transformar aquela realidade de fato.

A cultura assumiu uma função de aprimorar as condições de vida vigente. Essas ideias passaram a ser utilizadas no controle das massas ocultando a atrofia corporal e psíquica do indivíduo. A Revolução de 1789 apresentou a ilusão de uma emancipação,

[...] nos valores culturais da burguesia erige-se na cultura um reino de

aparente unidade e aparente liberdade, onde as relações existenciais antagônicas devem ser enquadradas e apaziguadas. A cultura reafirma e oculta as novas condições sociais de vida (MARCUSE, 2006, p. 96).

O filósofo expõe que *Civilização e cultura* não são apenas uma tradução da antiga relação entre o que tem finalidade (Zweckmässigkeit) e o desprovido de finalidade (Zwecklosem), o necessário e o belo. Essa diferença, a partir do pensamento burguês vai mais além. O belo e o desprovido de finalidade são universalizados, interiorizados e transformados em valores culturais, dessa forma é criado um domínio de unidade e liberdade em que os antagonismos das relações existenciais são enquadrados e apaziguados. O capitalismo monopolista exigirá do indivíduo a sua submissão em todos os planos da existência. O caráter afirmativo na cultura dimensiona a mesma para um mundo onde não há espaço para beleza. Essa experiência o homem participa somente a partir de sua natureza interior, no âmbito privado.

A Capoeira em um contexto de legalidade, aparentemente, não tem mais porque lutar por liberdade. Torna-se prática esportiva de manutenção do físico e da saúde corporal não encontrando assim espaço para a negação. Porém, “O caráter afirmativo da cultura não exclui sua potência subversiva” (KANGUSSU, 2008, p. 23). Abaixo verifica-se como se dá a caracterização da cultura como negativa.

2.2. O caráter negativo da Cultura

MacIntyre (1970, p. 32) afirma que “Ser racional é reconhecer que a liberdade é o objetivo da história”. Observando o processo histórico da Capoeira a partir de uma ótica dialética fundamentada no pensamento do Filósofo Herbert Marcuse, sobretudo no texto, a saber: *Sobre a Dialética*, percebe-se a relação de negação da Capoeira frente ao sistema. Esse movimento sempre foi em busca da liberdade, pois tal é a essência dessa arte afro-brasileira. No texto citado, Marcuse (1960) tem o intuito de revitalizar o poder do pensar negativo. Afirmando que a dialética tem como categoria central, a Negação.

Segundo MacIntyre (1970, p. 42):

Marcuse acredita que, para os homens estarem satisfeitos, eles precisam ser livres; mas é óbvio que, em qualquer sentido ordinário de *felicidade* ou de *satisfação*, os homens podem estar mais facilmente satisfeitos ou felizes quando certas possibilidades não lhes tenham sido franqueadas.

O que é a Capoeira, senão, a negação daquilo que está posto? Sua essência libertadora, luta desde o início, pela liberdade de expressão dentro e fora do universo da roda,

sendo esta uma micro representação da roda da vida, do mundo. Entendendo essa prática cultural como um instrumento que resiste à ação do colonizador, aponta-se aqui os momentos em que esta figura contra o *status quo* e outros momentos onde é confundida como uma prática cooptada pelo sistema.

Kangussu (2008, p. 31) afirma em seu livro que

Apesar de o título expressar apenas afirmação, e sem dúvida é esse o foco do trabalho, o texto de 1937 apresenta o duplo caráter da cultura. [...] O próprio Marcuse confessou, em entrevista a Habermas quarenta anos mais tarde, que se fosse escrever o artigo naquela ocasião (julho de 1977) suavizaria o caráter afirmativo da cultura e exaltaria mais o seu caráter crítico.

A percepção de uma realidade intolerável e que é recusada está na origem do negativo, e a origem deste negativo é um movimento de liberdade. A liberdade é, em sua essência, negativa. A origem do negativo é um despertar da insatisfação que movimenta a ação de liberdade. Mesmo voltada para a manutenção da *status quo*, a cultura ainda é portadora de um caráter negativo. Ela é inseparável de sua dimensão sensível, pois a alma não dominou os sentidos de maneira absoluta.

Segundo Marcuse (1998, p. 159) “[...] a cultura sempre foi privilégio de uma pequena minoria, uma questão de riqueza, de tempo e de feliz coincidência”. Somente uma sociedade não-livre separa a vida cultural da sua base material. A cultura erudita se opõe ao real oferecendo uma realidade que apenas os mais abastados podem usufruir. A cultura superior tem, certamente, um caráter afirmativo “[...] na medida em que estivesse dispensada da fadiga e da miséria daqueles que reproduziam, através de seu trabalho, a sociedade cuja cultura representava [...]” (MARCUSE, 1998, p. 158). É nesse ponto que se torna ideologia da sociedade, como ideologia está desvinculada da sociedade. Estando desvinculada é livre para transmitir a contradição e a recusa.

A arte é dissidente, fiel às suas próprias leis, desvia-se da faticidade e fica livre para expressar verdades próprias. Tanto na esfera subjetiva quanto na objetiva, a arte é veículo de reconhecimento e percepção do mundo: as potencialidades reprimidas do homem e da natureza vêm à tona sob essa forma alienada; pois é só como alienação que a arte pode cumprir uma função cognitiva, expressando verdades não exprimíveis noutra linguagem, produzindo outra consciência. Assim, a cultura do idealismo burguês não é só ideologia e também expressa uma situação verdadeira [...] (KANGUSSU, 2008, p. 32).

A burguesia só pode admitir a felicidade de uma forma interiorizada. A cultura afirmativa que apresenta sob formas falsas absorveu forças e necessidades que não se acomodam na vida cotidiana. Remeter os homens ao gozo da felicidade tem o significado de

não remetê-los ao trabalho na produção, ao lucro, à autoridade das forças econômicas que preservam a vida desse todo (MARCUSE, 2006).

A sociedade burguesa converte o homem a servo e não reconhece a reificação do corpo quando este é objeto de prazer. Se o homem assim o usa, este é tido como depravado. O corpo tornado passivo, reificado, entregue ao prazer anuncia a alegria implícita no movimento de libertar-se do ideal. Esta é uma reificação libertadora que não atende aos anseios de uma sociedade capitalista que busca perpetuar a exploração e a labuta.

[...] O caráter de aparência da beleza desafia a felicidade idealizada da alma, a fruição sensível é estranha ao ideal, só a beleza artística permite a fruição que não é incompatível com ele. Como os planos desprovidos de alma não pertencem à cultura afirmativa, a ela só interessa a beleza idealizada, a beleza da arte; que, ao contrário da verdade da teoria, é compatível com a realidade perversa e pode proporcionar felicidade no plano ideal; enquanto a teoria verdadeira precisa reconhecer a falta de felicidade e, mesmo apontando caminhos, não pode oferecer consolo (KANGUSSU, 2008, p. 36).

O milagre da cultura afirmativa é que os homens podem sentir a tão almejada felicidade mesmo se não o são, “[...] num mundo de infelicidade, a felicidade sempre precisa ser um consolo: o consolo do instante belo na sequência interminável da infelicidade” (MARCUSE, 2006, p. 117). A cultura afirmativa produziu uma forma de existência em que a única felicidade possível é aparente, mas a mesma tem um efeito real e é colocada a serviço do existente, a alma, nesse contexto, vive além da economia e a liberdade interior superou a si própria em ausência de liberdade exterior.

“Cultura não tem quem compreende as verdades da humanidade como grito de combates, mas como postura. Essa postura implica um saber se comportar: revelar harmonia e equilíbrio até na rotina do cotidiano” (MARCUSE, 2006, p. 103). É a cultura que eleva o indivíduo, mas não o liberta de sua subordinação efetiva. Fala sobre dignidade, porém não se preocupa se são realmente livres.

[...] o enxerto da felicidade cultural na infelicidade, a relação da alma aos sentidos, ameniza a pobreza e a enfermidade dessa vida em uma “sadia” capacidade de trabalho. Este é o milagre propriamente dito da cultura afirmativa. Os homens podem se sentir felizes inclusive quando efetivamente não o são (MARCUSE, 2006, p. 120).

A cultura afirmativa afeta os sentidos do homem para que ele se sinta bem, e estando bem pode-se dizer que se está feliz. “O importante não é que o homem viva sua vida; o importante é que ele a viva tão bem quanto for possível. Este é um dos lemas da cultura afirmativa” (MARCUSE, 2006, p. 121). Tal felicidade aparente alimenta e distrai os homens da verdadeira realidade que o consome, facilitando a manutenção da *status quo*. “Uma

felicidade assim não deve violar as leis da ordem vigente, e também não precisa fazê-lo; há que realizá-la em sua imanência” (MARCUSE, 2006, p. 121).

Porém essa dinâmica idealista adia a satisfação e leva o homem a aspirar ao impossível. Dessa forma, serve para reavivar sua memória confrontando o homem com a imagem de uma ordem melhor. A enganação da cultura afirmativa leva o homem a encontrar-se, pois com as frustrações percebe novas possibilidades negando o Estabelecido. Debaixo dessas formas falsas, a cultura afirmativa ganhou forças e necessidades que não encontraram mais lugar no cotidiano, dessa forma, testemunha a vida não realizada.

A afirmação presente na cultura não exclui a denúncia, o caráter afirmativo coexiste com a rebelião. O conteúdo negativo é revestido com uma qualidade da aparência. A forma através da qual se manifesta desvia a prática da realidade.

2.3. A separação entre corpo e alma na cultura afirmativa

Marcuse procurou defender a Razão Ocidental dos ataques que sofreu na sociedade burguesa em seus artigos escritos durante os anos de 1930. A Razão, entendida como a principal categoria do pensamento filosófico e ligada ao destino do homem, conteria a ideia de liberdade e através dela se teria a possibilidade de conhecer o mundo julgando os valores em busca da produção de um pensamento universal.

Com a ideia de uma liberdade convertida a uma liberdade individual e abstrata, a Razão se defronta com seus próprios limites e com os propósitos universais, antes almejados, perdendo o seu caráter transcendente e circunscrevendo-se à mera operação de ajustamento às regras e aos valores estabelecidos. Sendo internalizada pelo sujeito empírico, aliada aos conceitos de liberdade e de individualidade, essa categoria torna-se o fundamento da racionalidade e da moral instituídas na modernidade, conformando a consciência do indivíduo aos valores transmitidos pela tradição e restringindo a ação desenvolvida por ele à manutenção de uma ordem social baseada na miséria e na dominação da maioria. Marcuse (2006) argumenta que a tradição idealista do Pensamento Moderno excluiu a possibilidade da felicidade do homem para a maioria dos indivíduos. Restringiu a mesma à felicidade subjetiva, a uma forma de satisfação dos interesses, das necessidades e dos desejos individuais, sem alterar ordem social vigente.

Porém, na sociedade burguesa, esse sentimento se encontrava restrito ao nível individual, sendo assim, a consciência e a liberdade só seriam vivenciadas plenamente numa situação social em que o indivíduo tivesse suas necessidades básicas satisfeitas plenamente e

os seus instintos fossem liberados conforme regras racionais, definidas intersubjetivamente. A fruição do prazer corpóreo não seria mais a mesma, o sentimento seria desfrutado por um indivíduo efetivamente livre e não subjugado às formas usuais de dominação. Então, a satisfação das necessidades e dos instintos estaria submetida à história e, dessa forma, deveria ser considerada não apenas de um ponto de vista subjetivo, mas sobretudo, objetivo.

O corpo¹⁵ como sede dos instintos, onde se experimenta o sentimento de prazer, deve ser considerado como um elemento constitutivo da subjetividade, um meio de expressão da liberdade individual e de fruição da felicidade subjetiva. Ao mesmo tempo, as condições materiais de existência deveriam ser compreendidas racionalmente pelo indivíduo, trazendo à consciência de sua condição histórica e esta intervir no sentido de superar as barreiras sociais e políticas que limitam a realização da plena felicidade humana e lutar pela sua efetivação. A sociedade industrial promoveu o controle social exercido sobre o corpo. No campo da produção material e do trabalho produtivo, o corpo teria sido transformado num instrumento do desenvolvimento das forças produtivas.

A sociedade burguesa liberta os indivíduos, mas como pessoas que se mantêm sob controle. Desde o início a liberdade dependia da manutenção da condenação da fruição. A conversão do homem em instrumento de fruição, isto a sociedade dividida em classes só conhece mesmo como servidão e exploração. [...] para os pobres a coisificação (*Verdingung*) na fábrica se tornaria um dever moral, mas a coisificação do corpo como instrumento de fruição se converteria em depravação, prostituição. Também nessa sociedade a miséria é a condição do ganho e do poder. [...] A venda da força de trabalho deve ocorrer com base na decisão do próprio pobre. [...] a proibição de conduzir o próprio corpo ao mercado não apenas como instrumento de trabalho, mas também como instrumento de fruição, constitui uma das raízes sociais e psíquicas básicas da ideologia patriarcal-burguesa (MARCUSE, 2006, p. 114-115).

Mesmo fora do mundo do trabalho, onde os indivíduos em seu tempo livre, além do sentimento de prazer proporcionado pela atividade de lazer, poderiam desenvolver uma percepção aguda sobre a realidade, a sociedade burguesa desenvolveu meios de controle. O temor do Estado e de outras instituições sociais, representantes das classes dominantes, fazem uso das atividades a serem praticadas e os objetos a serem contemplados, como instrumento de direção. O corpo é transformado em um objeto, em mais um produto oferecido ao consumo. A sociedade industrial submete à sua dominação a experimentação do prazer corpóreo, obtida pela prática do esporte, das atividades populares ou do ato sexual. Dessa forma, a cultura assumiria um papel central, pois a sua transmissão de geração para geração e

15 Para Pagni (2003, p.84) “Marcuse considerou o sentimento de prazer experimentado pelo corpo, como parte constitutiva da subjetividade e do potencial de liberdade que ela carrega [...]”.

a sua aquisição subjetiva pelo indivíduo garantiriam a perpetuação das regras, dos valores e, enfim, da ideologia dominante, inclusive no que diz respeito às formas de representação, às práticas e aos cuidados estabelecidos sobre o corpo na sociedade existente. Pressuporiam um ideal de cultura afirmativa cujo fundamento seria o conceito de alma. Segundo Marcuse (2006, p. 111): “A alma provoca um efeito tranquilizador. [...] As alegrias da alma são menos custosas do que as do corpo: são menos perigosas e concedidas de bom grado”.

A ideia de alma teria sido concebida como o fundamento para justificar, no âmbito da cultura, a desigualdade e a ausência de liberdade existentes na vida cotidiana e para fundamentar uma igualdade e liberdade individuais, aparentes e abstratas. A alma transcende a vida cotidiana e a valoração contingente dos homens no processo social, submete ao seu domínio os sentidos e os instintos sediados no corpo, o sentimento de prazer nele experimentado. Tais sensações devem ser renunciadas em nome do conhecimento, do pensamento e dos valores ditos superiores. Esse domínio das faculdades superiores da alma em relação às faculdades inferiores, mais ligadas ao corpo, seria responsável, na sociedade burguesa, pela disciplinarização dos indivíduos, submetendo-os a um processo de aquisição de valores morais e da cultura estabelecida.

A alma nos torna suaves, complacentes e obedientes aos fatos que afinal não têm importância. Assim, a alma se converteria num fator na técnica de controle das massas quando na época do Estado autoritário todas as forças disponíveis precisam ser mobilizadas contra a transformação efetiva da existência social (MARCUSE, 2006, p. 112-113).

Marcuse (2006) expõe os limites da alma como fundamento da cultura afirmativa. Para isso recorre àquilo que elas não conseguiram contemplar, a saber, as condições materiais de existência e aquilo que provêm do corpo e por ele se expressa, ou seja, os instintos e os desejos humanos. Demonstra as contradições e as implicações de tais ideias na sociedade burguesa. Sugere que as mesmas ainda estão presentes para as promessas não cumpridas nesta organização social, a saber, a felicidade objetiva e a liberdade de todos os indivíduos, que representariam efetivamente a emancipação da humanidade. Nesses ideais de cultura afirmativa e de educação da alma, ainda, o corpo só se manteria como uma lembrança emancipatória para as classes subalternas, que conservam formas semimedievais e que aparecem como sinais de uma outra cultura. Para Marcuse (2006, p. 115):

[...] constituem uma recordação emancipatória (*vordeutende Erinnerung*). Onde o corpo se tornou inteiramente objeto, coisa bela, ele possibilita imaginar uma nova felicidade. Na subordinação extrema à reificação, o homem triunfa sobre a reificação. A qualidade artística do corpo belo, ainda hoje presente unicamente no circo, nos cabarés e em shows, essa leveza e frivolidade lúdicas anuncia a alegria da libertação do ideal que o homem

pode atingir quando a humanidade, convertida verdadeiramente em sujeito, dominar a matéria. Quando se supera o vínculo com o ideal afirmativo, quando existe fruição sem qualquer racionalização e sem o mais leve sentimento de culpa puritano no plano de uma existência provida de sabedoria, quando os sentidos se libertam inteiramente da alma, então surge a primeira luz de uma outra cultura.

A cultura afirmativa teria racionalizado a ideia de alma a fim de consolar os indivíduos, diante de uma dura realidade social e psíquica. A felicidade se converte num meio de ordenação e moderação através da função educativa da cultura que é disciplinar o indivíduo de tal maneira que seja capaz de suportar a falta de liberdade da existência social.

A educação secular foi necessária para fazer suportável o *shock* cotidiano. De um lado, a liberdade, a grandeza e a dignidade inalienáveis da pessoa, do domínio e autonomia da razão, do amor indiscriminado aos homens, da justiça e, por outro lado, a humilhação geral da maior parte da vida, o triunfo do mercado de trabalho sobre a humanidade, do ganho sobre o amor do homem. Ao injetar a felicidade cultural na desgraça, ao *animizar* os sentidos, se atenua a pobreza e a precariedade desta vida, convertendo-a numa *sã* capacidade de trabalho. Aí mora o verdadeiro milagre da cultura afirmativa. Os homens podem se sentir livres, mesmo que não sejam na totalidade (MARCUSE, 2006).

Marcuse (2006) percebia a crise da noção de cultura afirmativa. A racionalidade burguesa estava sendo substituída pelo Estado autoritário. O discurso nacionalista, os valores e conceitos da exterioridade heróica, a noção de comunidade ligada à raça, sangue, povo e solo, inseria o indivíduo numa falsa coletividade. A educação da alma e a recuperação da experiência estética obtida pela arte ou por uma educação sensível não teriam, por si mesmas, o poder de levar os indivíduos a se tornarem efetivamente sujeitos e tornarem-se conscientes de sua situação histórica e da necessidade de sua transformação.

Em ambas há a exigência da disciplina para a formação do homem culto e da relação destes com os bens culturais, assim, foi possível uma convivência pacífica dos indivíduos submetidos a tal educação e da própria cultura afirmativa com os regimes totalitários. Além de não terem cumprido as promessas em torno das quais surgiram e se disseminaram na sociedade burguesa, como difusoras da cultura afirmativa, também não promoveram a emancipação humana. Elas fizeram com que o homem convivesse pacificamente com o autoritarismo e com a barbárie.

Marcuse (2006) critica a disciplina exigida pela educação da alma e pela experiência estética que embora promettesse a liberdade e a felicidade subjetivas, concorrem para acentuar ainda mais o controle social sobre o corpo, a repressão sobre os instintos e os

desejos humanos, nesse quadro os *órgãos dos sentidos* e da sensibilidade são submetidos aos mecanismos da sociedade industrial. Dessa forma, denuncia o caráter ideológico contido nesse ideal de cultura que reprime e despreza os instintos, os desejos, os sentidos sediados no corpo e os sentimentos vivenciados por ele. Converte-o em objeto controlado racionalmente e manipulável socialmente por intermédio de uma educação da alma. Se convertido em mera ideologia, essa concepção de educação concorre para a submissão do corpo dos indivíduos aos mecanismos do mercado e ao princípio de dominação vigente, através de uma consciência mutilada e heterônoma que adere a essa totalidade social.

2.4. A liberdade na fantasia

O homem que antes lutava unicamente para obter prazer, aprende a renunciar o prazer momentâneo, incerto e destrutivo e então o substitui pelo prazer adiado porém com garantia. Dessa forma com o princípio do prazer controlado pelo estabelecimento do princípio de realidade, o homem que não seria mais do que impulsos animais se transforma em um ego organizado. O princípio do prazer é superado pelo princípio de realidade.

O indivíduo esforça-se para conseguir *o que é útil* e que pode ser conseguido sem prejuízo para si e para o meio vital. Dentro do princípio de realidade ele desenvolve a função da *razão* aprendendo a examinar a realidade e distinguindo o que é bom, útil e verdadeiro para si. Adquire as faculdades de atenção, memória e discernimento tornando-se assim um sujeito pensante, consciente e equipado para uma racionalidade que lhe é imposta de fora. “O que a civilização domina e reprime – a reclamação do princípio do prazer – continua existindo na própria civilização” (MARCUSE, 1981, p. 36). Apenas a *fantasia* conserva-se longe do princípio de realidade e se mantém ligada ao princípio do prazer. A fantasia é atividade mental, alimentada pela memória, que mantém um grau de liberdade elevado em relação ao princípio de realidade. A imaginação é uma contraposição a racionalidade instrumental.

“A civilização tem que se defender contra um espectro de um mundo que possa ser livre” (MARCUSE, 1981, p. 94). A civilização luta contra a liberdade, porém não põe termo de uma vez por todas, a um estado natural. Em *Eros e civilização*, os sentidos, a sensibilidade e os instintos sediados no corpo e expressos pelos seus órgãos passam a ser considerados não apenas como elementos naturais ou materiais que representam uma parcela da razão e que são retomados criticamente para negar a racionalidade subjetiva, a liberdade e a felicidade. Esses são constitutivos de uma nova subjetividade, a ser concretizada numa situação social de plena liberdade e felicidade, destituída da miséria e da opressão vigentes na

civilização atual.

O corpo parece que passa a ser um elemento material, biológico, ainda que controlado por um aparelho psíquico que está submetido à história e à vida social, fundamental para a constituição dessa nova subjetividade que, sem deixar de ser racional, pretende levar em conta os sentidos, a sensibilidade e a sensualidade, instaurando uma outra forma de racionalidade, que passe a considerar também como humanos esses elementos. Apresenta-se aí a possibilidade de uma forma de sublimação em que o impulso biológico se tornaria um impulso cultural. A dinâmica própria do princípio do prazer produzido na relação do homem com o seu próprio corpo, a percepção possível dos bens culturais e a imaginação recriam a cultura transformando de modo a fazer com que se confronte a realidade existente e a transcenda. O corpo e a cultura não seriam apenas bens com os quais o homem se identifica, se apropria e submete ao seu domínio, prontos para serem manipulados, são dimensões da experiência formativa humana, orienta a compreensão do mundo e o recria, transformando-o através de uma ação fundada no pensamento crítico.

2.4.1. A memória

Graças ao progresso técnico-científico, a civilização atingiu um alto nível de produtividade, o que possibilitou a redução do consumo de energia pulsional em trabalho alienado. Mesmo assim, continua a organização repressiva das pulsões, ela prolonga a luta pela existência em vez de promover uma organização racional para uma sociedade harmônica. A possibilidade de um desenvolvimento mais livre das pulsões deve ser considerada uma necessidade histórica, se considera civilização como progresso em direção a um mais alto estágio de liberdade.

A memória¹⁶ guarda a insolúvel tensão entre a ideia e o real, através da história ela traz encapsulada promessas e potencialidades obliteradas dos tempos de origem, onde o princípio de prazer predominava absoluto na mente humana. Kangussu (2003, p. 132) fala que “A estrutura pulsional é ao mesmo tempo determinação ontológica e produto da história, podemos falar talvez em uma ontologia historicizada”. A rememoração pode ser uma potente arma da Teoria Crítica. A rememoração do passado compartilhado na memória – memória coletiva e memória individual [...] pode ligar-nos uns aos outros e ameaçar a eternidade do *status quo* por meio do *pathos* da diferença. (KANGUSSU, 2003, p. 132). A memória guarda vestígios de um passado interrompido.

16 Jameson (*apud* KANGUSSU, 2003) considera o conceito de memória, no pensamento de Marcuse, quase platônico, pois este a trata como *anamnésis*. *Mnemosyne* ocupa uma posição mitopoética análoga à ocupada pelo *Eros* e *Thanatos* na metapsicologia freudiana. A memória natural ligada a vida uterina, cheia de plenitude e gratificação física, anterior a qualquer repressão, impossibilita a acomodação de uma vida de angústia e miséria. A memória do tempo precedente à separação do sujeito e objeto é mais que fundamento epistemológico para o conhecimento, ela tem um papel político.

O teor de verdade da memória repousa na sua função específica de preservar promessas e potencialidades proscritas pelo indivíduo civilizado, mas nunca inteiramente esquecidas. “A *recherche du temps perdu* torna-se veículo de futura libertação, [...] felicidade e liberdade têm estado ligadas à ideia de recaptura do tempo: o *temps retrouvé*. A rememoração recupera o *temps perdu*, que era o tempo de gratificação (KANGUSSU, 2003, p. 135).

A resignação diante do que não pode ser de outro modo torna-se aliada da sociedade na manutenção do conformismo. O esquecimento dos sofrimentos do passado e as alegrias passadas torna mais fácil sob o domínio de um princípio de realidade repressivo. Esquecer é necessário à vida humana. A mesma seria insuportável sem dada capacidade. Porém a mesma também colabora para sustentar a submissão e a renúncia. O esquecimento conduz a reprodução da injustiça.

Marcuse concorda com Freud de que *Eros* é movido pela rememoração. A memória é uma força determinante e orientadora para dar a direção às excitações. Marcuse pensa no potencial emancipador e desalienador da arte. A arte combate a reificação fazendo falar, cantar e dançar a palavra petrificada.

A alienação pode ser uma salvaguarda para que se mantenha uma distância crítica em relação ao *status quo*, pode ser uma trincheira para os “valores superiores” que não teria outro lugar. Mesmo considerado em seu duplo caráter [...] que a arte pode tanto atuar contra a alienação quanto preservá-la, em *Sobre o caráter afirmativo da cultura* pode-se perceber que a alienação estética é ainda portadora de uma potência emancipatória, mesmo quando se revela opressiva (KANGUSSU, 2003, p. 141).

A história humana não é simplesmente a história que se realizou. A alienação tem o poder de impedir o homem de se reconhecer, impedindo assim, a realização da autoconsciência humana.

2.4.2. Fantasia, imaginação e impulso lúdico

A fantasia inicia seu processo na infância dos indivíduos, quando esses criam suas brincadeiras, e se perpetua na divagação mantendo-se livre do critério de realidade e voltado inteiramente ao princípio do prazer. Ela preserva no presente o que ainda não está presente através da imaginação que indica um elevado grau de liberdade em meio de um mundo não-livre. “Por sua capacidade de, ultrapassar o presente, poder antecipar o futuro, a imaginação definiria o homem 'a partir do que ele efetivamente pode ser amanhã'. [...] Se a imaginação é considerada como poder cognitivo, o pensamento transforma-se em jogo” (KANGUSSU, 2003, p 143).

A fantasia tem a função de ligar as mais profundas camadas do inconsciente aos mais elevados produtos da consciência, o sonho com a realidade. Ela guarda as ideias

reprimidas da memória coletiva e individual, as imagens *tabus* da liberdade.

O estabelecimento do princípio de prazer causa uma divisão e mutilação da mente, determinando fatalmente todo o seu desenvolvimento. O processo mental [...] está agora cindido; sua principal corrente é canalizada para o domínio do princípio de realidade [...] essa parte da mente obtém o monopólio da interpretação, alteração e manipulação da realidade, do controle da recordação e do esquecimento, até da definição do que é realidade e como deve ser usada ou alterada. A outra parte do aparelho mental continua livre do controle do princípio de realidade pelo preço de tornar-se impotente, inconsequente e irrealista (MARCUSE, 1981, p. 132).

O ego era anteriormente guiado e conduzido pela *totalidade* da sua energia mental, agora se orienta pelo princípio de realidade. Essa parte fixa os objetivos, normas e valores do ego, a *razão* torna-se o repositório da verdade, da racionalidade; decide o que é útil e inútil, bom e mau. A *razão* aqui é a parte da mente colocada sobre o controle do princípio de realidade. Já a fantasia é um processo mental separado, é abandonado pela organização do ego do prazer no ego da realidade. A razão torna-se desagradável, porém útil e correta, enquanto a fantasia é agradável, mas inútil e inverídica, um jogo, uma divagação e, ainda, continua falando a linguagem do princípio de prazer, da liberdade de repressão, do desejo e gratificação desinibidos, e a realidade, por sua vez, continua de acordo com as leis da razão, não vinculada ao sonho.

A imaginação preserva a memória do passado sub-histórico. Está sob o domínio do princípio do prazer, se mantém vinculada ao id, é a imagem da unidade imediata entre o universal e o particular. Os indivíduos e o mundo vivem em antagonismo, a imaginação sustenta a reivindicação do indivíduo total, em união com o gênero e com o passado. Neste quadro, “[...] a fantasia tem um valor próprio e autêntico, que corresponde a uma experiência própria [...] de superar a antagonista realidade humana. A imaginação visiona a reconciliação do indivíduo com o todo, do desejo com a realização, da felicidade com a razão” (MARCUSE, 1981, p. 134). Mesmo com a remoção para a utopia realizada pelo princípio de realidade estabelecida, a fantasia insiste em tornar-se real. As verdades da imaginação são vislumbradas e criam um campo de percepção e compreensão, um universo que é, ao mesmo tempo, subjetivo e objetivo.

A fantasia anula o *principium individuationis* estabelecido através de sua reivindicação de gratificação para além dos limites do princípio de realidade, “[...] a oposição da fantasia ao princípio de realidade está mais à vontade em processos subreais e surrealistas tais como o sonho, a divagação, a atividade lúdica, o *fluir da consciência*” (MARCUSE,

1981, p. 136). A fantasia é uma Grande Recusa¹⁷ que protesta contra a repressão desnecessária, busca a forma suprema de liberdade. “O valor de verdade da imaginação relaciona-se não só com o passado, mas também com o futuro; as formas de liberdade e felicidade que invoca pretendem emancipar a *realidade* histórica” (MARCUSE, 1981, p. 138). A função crítica da fantasia é recusar os limites impostos à liberdade e à felicidade pelo princípio de realidade.

A imaginação totalmente livre para criar permanece privilégio dos loucos e das crianças. A imaginação oferece imagens a memória inconsciente. Freud percebeu a conexão da imaginação ao princípio do prazer, porém o princípio de realidade cindiu essa relação. Uma parte está ligada para a determinação do real, das normas e dos valores, a outra parte continua livre, porém impotente e irrealista. As verdades da imaginação são realizáveis quando a fantasia ganha forma dentro do universo de percepção e compreensão que é ao mesmo tempo objetivo e subjetivo. A fantasia expressa um protesto contra o *modus vivendi* organizado pelo princípio de desempenho. A manifestação artística expressa a harmonia reprimida entre sensualidade e razão.

Apenas na negação da não-liberdade, a arte pode sustentar a imagem da liberdade. A imaginação diz o que pode ser, é dentro dela, e é a partir dela que se vive. A ilusão não pode ter um efeito direto sobre a realidade, porém tem a capacidade de modificar a atitude subjetiva para com a realidade, dessa forma, atua indiretamente modificando-a.

O impulso lúdico é a contraposição ao princípio de realidade em que se alicerça a sociedade industrial, mais que isso, ele oferece a possibilidade de conciliação entre a sensibilidade e o pensamento racional fundamentais para a formatação de uma nova subjetividade antecipando assim o sentimento de prazer, a sensação de liberdade e de felicidade experimentadas longe da dominação e da opressão do *Establishment*. “O impulso lúdico harmoniza as sensações e os afetos com as ideias da razão e, despindo-as de seu constrangimento moral, ele compatibiliza as leis da razão com os interesses dos sentidos” (KANGUSSU, 2003, p. 169). O jogo entre razão e sensibilidade torna o homem pleno. Quando o homem é livre para jogar a realidade inumana perde sua seriedade e acontece a libertação dos impulsos na satisfação das carências e necessidades.

O impulso lúdico é o veículo dessa libertação. [...] é o jogo da própria vida – para além de carências e compulsões externas – a manifestação de uma existência sem medo nem ansiedade e, assim, a manifestação da própria liberdade. O homem só é livre quando está livre de coações, externas e

17 Segundo Kangussu (2003, p. 150) a *Grande recusa* é um “[...] protesto contra o estado de coisas dado [...] As *imagens artísticas* preservam a negação determinada da realidade estabelecida; o que [...] vem constituir a mais pura forma de liberdade. Fora da arte, a Grande Recusa é difamada como utopia. [...] pensa Marcuse, ela só pode emergir com o progresso da racionalidade e pressupõe uma civilização madura, capaz de adotar critérios para a definição do nível de vida baseados na gratificação universal das necessidades vitais.

internas, físicas e morais – quando não é reprimido pela lei nem pela necessidade. Mas tal coação é a realidade. Assim, num sentido estrito, liberdade é a emancipação de uma realidade estabelecida: o homem está livre quando a *realidade perde sua seriedade* e quando a sua necessidade se *ilumina* (MARCUSE, 1981, p. 171).

Qualquer dominação dos impulsos torna-se para o homem um estado de coerção e violência. A salvação da cultura envolve a abolição dos controles repressivos impostos a sensorialidade pela civilização. O impulso sensível deve ser uma ação de liberdade, onde a sensorialidade resiste à violência que o espírito realiza através de sua atitude intromissora.

O próximo capítulo será a realização do diálogo entre o conteúdo filosófico de Marcuse estudado até aqui e a Capoeira, essa prática cultural que luta por liberdade.

3. A CAPOEIRA ENTRE A AFIRMAÇÃO E A NEGAÇÃO DO STATUS QUO

Alasdair MacIntyre (1970) afirma que a tarefa vital da filosofia é criticar outra filosofia, sejam ou não da vontade do filósofo, as ideias exercem influência na vida social, moral e política. Marcuse, segundo MacIntyre (1970, p. 12) afirma que “A função da filosofia [...] é a de *criticar* aquilo que existe. A filosofia pode fornecer-nos uma explicação da estrutura do pensamento em épocas e lugares específicos [...]” (grifo do autor).

O objetivo é responder a pergunta principal do trabalho, a saber, *Por que o caráter afirmativo da cultura presente no texto de Marcuse possibilita o entendimento da prática da Capoeira como cultura de caráter negativo?*

Nesse momento, expõem-se os fundamentos que compõem a prática dessa manifestação afro-brasileira. Compreende-se através da pesquisa realizada à experiência pessoal dentro dessa manifestação cultural que a Capoeira tem em-si elementos de negação do Estabelecido. Descreveram-se alguns conceitos e categorias inerentes ao mundo dessa manifestação cultural procurando embasamento na filosofia marcuseana.

Esse último capítulo é composto das seguintes partes, *A capoeira e suas características afirmativas; As cantigas e a ancestralidade: presente e passado no mesmo espaço;* e finalmente *Mandinga de escravo em ânsia de liberdade*. O potencial político das expressões culturais reside em uma comunicação efetiva, sendo assim, um dos objetivos da libertação. Há um esforço em romper o domínio opressivo da linguagem e das imagens que se converteram em instrumentos das classes dominantes.

Na primeira parte do capítulo expõe-se o desenho da Capoeira como uma cultura afirmativa. Mesmo sendo manipulada pelo sistema ela traz em-si a negação da realidade estabelecida. Em seguida indica-se a linguagem, através das cantigas, e as imagens, através dos movimentos corporais e gestualidade como elementos de negação do *status quo*.

3.1. A capoeira e suas características afirmativas

O corpo do negro africano no Brasil é coisificado, o negro é mercadoria, porém ele não aceita essa condição de escravo e começa seu processo de recusa. Nessa relação com o que é imposto pelo branco, o negro desenvolve meios de negar essa realidade e esse mesmo corpo coisificado torna-se instrumento de negação do *status quo*.

Responder a principal pergunta que norteia esse trabalho, a saber, *Por que o caráter afirmativo da cultura presente no texto de Marcuse possibilita o entendimento da*

prática da Capoeira como cultura de caráter negativo? Não foi tão simples como se imaginava. Foi preciso a leitura de outras obras para melhor compreensão de seu pensamento. Sobre o assunto ora estudado, Marcuse o aborda em outras obras. Sob a direção do orientador, iniciou-se a leitura de *Eros e civilização*, encontrando assim alguns fundamentos que embasarão o desenho dos elementos identificados como negativos na prática da Capoeira. Além desse texto, a leitura de *Contrarrevolução e revolta*, também se fez importante. Nesse ponto do capítulo apresenta-se a cultura em análise com suas características afirmativas.

A contradição entre a vida cotidiana e a necessidade de felicidade seria, ilusoriamente, resolvida pela cultura afirmativa. A mesma pacificaria a revolta visando disciplinar os indivíduos, trazendo uma nova espécie de sujeição. A sujeição amável de caráter edificante em determinadas situações do conflito dos sujeitos com o Estado seria substituída por uma mobilização total com a subordinação do indivíduo ao Estado e a burguesia entrando em conflito com sua própria cultura.

A Capoeira inicia seu processo de entrada nos parâmetros ocidentais a partir da busca de sua legalização por Mestre Bimba. O desejo de sair da ilegalidade fez com que o mestre orientado por seus alunos da classe média desenvolvesse uma prática que englobasse aspectos de controle do corpo. O mesmo foi racionalizado dentro de conceitos dominantes. O academicismo e o militarismo penetrou na nova formatação que essa cultura receberia durante o período do Estado Novo.

O corpo na cultura afirmativa é separado da alma. A razão não pertence ao plano corporal. O corpo, na Capoeira, passa a ser disciplinado. Atividade que se processava em qualquer local desenvolve-se agora em instituições formais, escolas, clubes, universidades, quartéis. Pensou-se, na época, a Capoeira como uma ginástica nacional. O método de Mestre Bimba possibilitou o ensino para qualquer indivíduo, o que antes era ininteligível aos não integrantes dos grupos, passa a ser compreendido por todos os indivíduos. O mestre orientava a disciplina através de princípios, mandamentos e recomendações em quadros de regras com condutas a serem seguidas pelos praticantes.

A prática que se desenhava era voltada para disciplina e para uma espécie de lazer. A cultura afirmativa torna a fruição do prazer em sinônimo de uma descarga imediata de instintos, produzidas como um meio de aliviar as tensões, desse modo, todos poderiam voltar revigorados ao trabalho produtivo. Algumas atividades colaboram para efetivação desse processo, entre elas, o esporte e as diversões populares. Essas seriam eleitas em virtude da capacidade de proporcionar um sentimento de prazer aos indivíduos que compensaria as pressões sentidas na atividade produtiva, e renovando as forças para a produção. Seriam

ainda, um bom meio de socializar os rituais, as normas, as regras e os valores morais em que se estrutura a organização social existente, sem que esta seja percebida ou tornada consciente aos que a desenvolvem, ou seja, seriam mecanismos eficazes de preservação da ordem social com efeitos moralizantes na maioria dos indivíduos. Para fazer parte da Escola do mestre era necessário que o aluno trabalhasse ou estudasse. Era uma escola modeladora de cidadãos.

Esse universo da Capoeira Regional é uma forma que a cultura se manifesta que colabora para a coação da existência social e biológica dos indivíduos. Essa é a condição do progresso¹⁸. Mais tarde com a popularização do Método Regional os grupos de capoeiristas foram se constituindo como escolas e desenvolveram seus próprios métodos. Isso contribuiu para uma melhor aceitação por parte da sociedade, porém mascarava ou amenizava sua essência negativa.

Esses grupos passaram a realizar essa prática cultural de maneira profissional e se enquadrando cada vez mais nos espaços oficiais da sociedade. Dessa forma, a Capoeira passou a ser comercializada e o conhecimento, passado de mestre para discípulo como uma tradição, recebeu uma roupagem monetária. De prática que se opunha ao trabalho, se tornou mais um posto do trabalho. Mesmo os indivíduos que procuram a Capoeira para o lazer nas horas de folga começam a encarar sua participação nesses grupos como uma outra jornada, muitas vezes não remuneradas, ao dispor das ordens do mestre. Configura-se dessa maneira um sistema hierárquico de trabalho. Esse, além de racionalizar a dominação, também impede qualquer tipo de rebelião. Marcuse aponta que todas as rebeliões serviram para substituir um grupo dominante por outro, mas não alcançaram seu principal objetivo: a abolição da dominação e da exploração.

A legalização da Capoeira proporcionou uma liberdade prometida. Essa liberdade prometida pela dominação se torna o próprio instrumento da repressão, porém Marcuse lembra sempre que a não gratificação dos desejos provoca revolta, aumentando a agressividade. Esse sistema de hierarquização imposto pelo novo desenho dessa prática cultural não foi suficiente para calar sua essência negativa.

Uma práxis consciente e reflexiva incorporaria os elementos referentes ao corpo mobilizando as forças subjetivas do indivíduo, dirigindo-as para uma transformação objetiva e para a construção de um novo mundo. A individualidade não ocorreria por intermédio da cultura afirmativa, mas pela eliminação desta a partir da transformação radical da estrutura social existente, pois essa seria responsável por limitar o desenvolvimento da individualidade.

18 Marcuse (1981, p.33) afirma que “A cultura coage tanto a sua existência social como a biológica, não só partes do ser humano, mas também sua própria estrutura instintiva [...] a coação é a própria condição do progresso”.

Portanto, deve ser superada pela constituição de uma outra sociedade, na qual a miséria e as desigualdades seriam suprimidas e a liberdade vivida plenamente pelos indivíduos. Para Marcuse, essa transformação radical da sociedade não ocorreria por meio de reformas educativas isoladas, mesmo que valorizassem a individualidade ou se constituísse numa forma de educação popular. Seria necessário uma práxis revolucionária, considerada como a única capaz de levar os indivíduos a alcançarem a liberdade e a felicidade objetivas.

Capoeira é um assunto político, em seu nível mais profundo, pois a mesma representa um protesto contra o que existe. O capoeirista vê o mundo de pernas para o ar. A Capoeira não se plasma em uma forma artística que expressa a experiência do corpo e da alma, como veículo do poder e resignação do trabalho mas como veículos de libertação. “É a busca de uma cultura sensual, 'sensual' no sentido em que envolve a transformação radical da experiência e receptividade dos sentidos do homem; a sua emancipação de uma produtividade autopropulsora, lucrativa e mutiladora. Mas a revolução cultural vai muito além da reavaliação artística; ela ataca as raízes do capitalismo no próprio indivíduo” (MARCUSE, 1973, p. 83).

Marcuse não defendia a cultura como forma de domesticação, defendia a reintegração da cultura à vida material, acreditava na possibilidade de a beleza ser corporificada na vida e não apenas na sua apresentação como aparência. Criticava a linguagem política e científica, afirmando que ambas estariam domesticadas. Uma cultura contestatória seria a única linguagem revolucionária que ainda restaria. O componente afirmativo, reconciliador convive com a negação, a crítica e a transcendência do imediato. A própria forma de manifestação da cultura permite encontrar o seu caráter de negação, a sua luta pela libertação.

Em seguida, o corpo e a oralidade serão analisados como elementos da cultura que contestam o Estabelecido. Esses, a partir da Capoeira, se configuram em elementos de negação de uma sociedade massificada.

3.2. As cantigas e a ancestralidade: presente e passado no mesmo espaço

Marcuse (1973) aponta que uma linguagem não-conformista não pode ser inventada, é necessário o uso subversivo do material tradicional. Ele indica dois domínios de linguagens e imagens que se situam em pólos opostos na sociedade, a saber, a arte e a tradição popular. Esta última é a linguagem dos oprimidos e possui, portanto uma afinidade natural com o protesto e a recusa.

De acordo com Marcuse (1981) o tempo só perderia seu poder quando a recordação redimisse o passado, se tornasse uma arma verdadeira e se transformasse numa ação histórica, despertada por essa recordação da felicidade. Há, na Capoeira, a presença de uma ancestralidade¹⁹ que formam imagens norteadoras em seu interior e em seu exterior. Constantemente, ouve-se nas cantigas o convite aos mestres do passado a se fazerem presentes no espaço da roda. “Todos os fatos incorporam tanto quem os conhece quanto quem os executa. Eles constantemente convertem o passado no presente, e os objetos, portanto ‘contêm’ subjetividade, em sua própria estrutura” (Marcuse, 1960 § 04). Através das cantigas o passado e o presente habitam o mesmo espaço. Idealiza-se uma Bahia que não existe mais aos olhos físicos, onde habitam os velhos mestres do passado.

A ancestralidade, nesse caso, traz o passado ao presente e o espírito negativo-revolucionário que as personagens de outrora apresentavam, se incorpora aos novos atores do presente, negando o estado de coisas impostas. Não é nostalgia, mas reflexão e vivência do acontecido que norteia a recusa ao presente estabelecido. Esses mestres do passado que são inspiração para a composição das cantigas não formam indivíduos apáticos na sociedade e na época em que viveram. Besouro, por exemplo, era o homem que se recusava ao modelo pós-escravatura.

As cantigas são também uma linguagem de protesto e de recusa, é através destas que se manifesta a linguagem dos oprimidos, a saber, os negros e seus descendentes que hoje podem ter qualquer cor de pele. Na roda de capoeira o indivíduo não adentra em universo exterior à sociedade. Mas, inseridos dentro desta, pensam em sua transformação.

Para que aconteça o jogo de capoeira é necessário a presença das cantigas. Elas são indissociáveis de sua prática. São também uma fonte oral muito rica que trazem a descrição das tradições. Vieira (1998, p.45) realiza um estudo sobre as mesmas e aponta três funções básicas, a saber, função ritual, mantenedor das tradições, e de repensar da história.

Sua função ritual está ligada a animação da roda, nesse trabalho esse aspecto não será muito comentado. Interessa, aqui, sobretudo, as duas outras funções. Quanto à função de manutenção das tradições e de repensar da história, Vieira (1998, p.45) diz o seguinte:

No tocante ao seu conteúdo, o cântico de capoeira cumpre o papel de elemento mantenedor das tradições, reavivando a memória da comunidade da capoeira acerca dos acontecimentos importantes em sua história (lutas pela libertação, os quilombos [...] as fugas da polícia, etc.) e dos nomes famosos nas rodas de capoeira. Além de ser um reavivador da tradição, o cântico da capoeira atua como espaço dinâmico de constante repensar dessa mesma história, dos princípios éticos nas rodas e da inserção da capoeira e

19 Segundo Castro Júnior (2003, p.99) “A ritualidade da roda de capoeira não é apenas um conjunto de normas de obediência e exigências a serem cumpridas, mas extrapola a dimensão de códigos e normas de condutas e entra em uma dimensão de ancestralidade”.

do elemento negro na sociedade.

Os cânticos de capoeira revelam características de expressão da consciência coletiva, exercem um poder de condicionamento acerca das visões de mundo. As cantigas são espaços dentro da roda, para o pensamento, que permitem a reestruturação de significados, reinterpretando o interno e o externo do mundo da Capoeira.

O conteúdo dessas composições podem ser utilizados para afirmações e negações do *status quo*, evidenciam ideologias, lutam pela democracia racial, mascaram o racismo, valorizam o negro e seus heróis, estimulam o nacionalismo e/ou realizam um racismo às avessas.

A Capoeira é um fenômeno dialético, pode afirmar e negar o que está posto. Para ser descriminalizada teve que aceitar elementos europeizantes, a saber, o academicismo e o militarismo. Foi racionalizado dentro dos parâmetros europeus, mas ainda mantém sua essência de resistência. Apresenta constantemente esse dois pólos opostos que não se anulam, apenas mantém um diálogo dinâmico, cancelando e mantendo elementos que a fazem ser o que é, uma cultura inacabada que não possui dono. Para Vieira (1998, p. 46):

Independente do fato de ter sido criada por um grupo étnico em resistência a uma situação de dominação, surge no contexto como um esporte (termo que pela sua própria natureza já carrega uma forte conotação racionalizadora) que *não tem cor*, isto é, que se universalizou entre os grupos sociais.

Vê-se que a oralidade musical presente nas rodas expõe pensamentos que podem servir a diversos interesses. A Capoeira não oferece consolo, ela denuncia a sociedade em que se vive, a escola que não ensina, arraigada a um modelo miliar-cristão-arcaico e que não desenvolve criticidade e autonomia do sujeito, o negro perseguido, outrora e hoje; a mulher oprimida. *Adeus escola meu mano...; Sou vagabundo...; Ê moi mi cumugê, Ê macaco; Ensinar pros nossos filhos com a verdade da favela não com a mentira da escola; Se essa mulher fosse minha eu tirava da roda já já, dava uma surra nela e ele gritava chega(sic)*²⁰.

A música na capoeira, proporcionada pelos instrumentos primitivos e pelas cantigas ouvidas como um lamento de um negro escravo, movimenta o corpo e atrai sua natureza para a rebelião.

Segundo Marcuse (1973, p. 112 e 113):

A música viva tem, de fato, uma base autêntica: a *música negra* como grito e cântico dos escravos e dos guetos. Nessa música, a própria vida e morte dos homens e mulheres negros são revividas: a música é corpo; a forma estética é o “gesto” de dor, sofrimento, mágoa, denúncia.

20 Cantigas que se ouve nas rodas de capoeira.

A Capoeira, assim como o samba ou o jazz, são gritos do negro frente à opressão do branco-europeu. Pierre Lere citado por Marcuse (1973, p. 112-113) analisa a dialética da música negra no artigo *Free Jazz: Evolution ou Révolution* ele diz que:

A liberdade das formas musicais é apenas tradução estética da vontade de libertação social. [...] grito, o característico elemento sonoro da 'música livre', nascido numa tensão exasperada, anuncia a violenta ruptura com a ordem branca estabelecida e traduz a violência promotora de uma nova ordem negra.

Iê, viva Zumbi!
Iê, viva Zumbi, camará!
Iê, a liberdade!
Iê, a liberdade, camará!²¹

*Ao pé do berimbau canjiquinha se agachou pra jogar a capoeira que seu mestre ensinou*²². O ensino na Capoeira não coaduna com o ensino formal presente nas escolas, onde se vê em algumas instituições a proibição do toque. Mestre Bimba ensinava cada um de seus alunos pegando em suas mãos. Ao se agachar na roda, se pega nas mãos do camarada e então parte-se para o jogo, ao final novamente o cumprimento, um aperto de mão ou um abraço.

Esse tipo de comportamento rompe com o modelo eurocêntrico. E abala a ideia individualista da lógica capitalista. Na ancestralidade presente na Capoeira há uma relação entre o velho e o novo, estando os indivíduos vivos ou não. E a intimidade é um fator indispensável nessa relação mestre-discípulo que vai além da relação professor-aluno. A seguir, ver-se-á um traço marcante da ancestralidade, a mandinga²³.

3.3. Mandinga de escravo em ânsia de liberdade²⁴

Para Marcuse, segundo Kangussu (2003, p. 145) “[...] as formas invocadas pela imaginação constituem uma recusa em aceitar as limitações impostas à liberdade, uma recusa em esquecer o que pode ser”. A fantasia luta contra o princípio da individuação, que reprime as pulsões primárias. Reivindica um indivíduo total unido ao gênero e ao passado arcaico em busca de superar o antagonismo da realidade e reconciliar o indivíduo com o todo, a felicidade com a razão. A Capoeira aglutina em sua prática sensibilidade e razão, nessa prática cultural o corpo pensa, o pensamento de recusa é expresso através dos movimentos.

A capoeira tem negativa, a capoeira nega.
A capoeira é positiva, tem verdade.

21 Exemplo de Louvação. Cantada após uma ladainha, espécie de cantiga de capoeira.

22 Cantiga que se ouve nas rodas de capoeira.

23 Para Castro Júnior (2003, p. 29) a *Mandinga* é “[...] pré-requisito fundamental em qualquer capoeirista, e não deve ser entendida como uma manifestação artificial (quando, a todo custo, o capoeirista quer pegar o outro [...]), mas a tranquilidade de perceber o momento certo para dar o *bote da cobra*”.

24 Fala do Mestre Pastinha in PASTINHA! Uma vida pela capoeira. Direção de Antônio Carlos Muricy, 1999.

Negativa é fazer que vai, mas não vai,
e na hora que o nego não espera,
o capoeirista vai, entra e ganha
e quando ele perde, ele deixa a capoeira na negativa,
[...]
O capoeirista corre, e, ai, daquele que correr atrás do capoeirista.
E o camarada corre atrás,
[...]
tem alguma coisa na mão dele,
o capoeirista corre, porque não quer matar. (sic)
*Mestre Pastinha*²⁵

Talvez, o texto acima, não exprima um pensamento filosófico dentro dos parâmetros filosóficos-acadêmico-tradicionais, mas certamente, é o pensamento de um homem que viveu sua cultura, e, apesar do pouco estudo, foi mestre do saber, conviveu e foi inspiração de intelectuais como Jorge Amado e Carybè. Ele expressa através do texto a negativa da Capoeira, e a negativa que se fala acima, quiçá, seja o movimento que é esquiva e ataque ao mesmo tempo. Quando se vê tal movimento, pergunta-se: *Quem está atacando e quem está defendendo?* Ou ainda; *Ele caiu ou foi derrubado?* O mesmo é um movimento que traduz a negação, onde se pensa uma coisa e é outra, a negação que não aceita o que parece, a negação que vai em busca de confirmar para saber se é. Na Capoeira, há ainda, a negaça²⁶, onde o capoeirista finge um movimento e faz outro, finge que vai, mas não vai e quando o outro não percebe já foi. É também uma espécie do gênero mandinga, ou melhor, sua racionalização, pois enquanto esta é angariada pela experiência, a negaça pode ser treinada, desenvolvida com técnica.

Fala-se, aqui, de Capoeira, Ferreira (1999, p. 400) ao colocar o vocábulo em sua obra, aponta vários significados, citando-o na conotação em estudo, o aponta como jogo. Quando se refere a capoeiragem afirma que é um “Sistema de luta de capoeiras”. Essa cultura, misto de culturas, ora luta, ora jogo, lazer ou trabalho, tem um elemento indispensável em sua essência que expressa toda a oposição ao sistema eurocêntrico, previsível e controlável, tal elemento, denomina-se, Mandinga²⁷.

A Capoeira é para Mestre Pastinha *Mandinga de escravo em ânsia de liberdade*. A mandinga é a negação da cultura afirmativa presente na Capoeira. A mandinga é a negação do estabelecido, busca a liberdade, se liberta do previsível, do padrão, do normatizado; inova, surpreende, cria. É manifestação do não esperado, do imprevisível.

25 Fala do Mestre Pastinha in PASTINHA! Uma vida pela capoeira. Direção de Antônio Carlos Muricy, 1999.

26 Negaça, segundo Pozzoli (2004, p. 529), é a simulação de recusa ou negação.

27 Mandinga é um termo muito familiar no meio capoeirístico. Segundo Ferreira (1999, p. 1268) trata-se de “Indivíduo dos mandingas, povo de religião predominantemente maometana, que vive na parte norte da África ocidental” e mais a frente remete o significado a bruxaria. O termo que é originado desta palavra, a saber, mandingado tem como significado enfeitado, embruxado; mandingar aparece como enfeitçar, embruxar; mandingaria como feitiçaria e por último mandingueiro o que faz mandinga.

A mandinga não é uma fuga, mas a negação do estabelecido. Ela não está apenas no jogo da capoeira, mas na vida de seu praticante. No documentário *Mandinga em Manhatann* vários mestres falam sobre o que seria a Mandinga. Para João Grande “o mandingueiro é aquela pessoa que sabe muitas orações [...]. Muita gente pensa aí que é oração [...]”.

Alabama diz que “[...] é uma coisa que de cada mil capoeirista um nasce com esse... tem a sorte de nascer com isso, é a malícia”. Bola sete afirma que “[...] é o conhecimento do invisível, extrapola o conhecimento teórico da capoeira”. Para Camisa “mandinga é a alma do jogo”. César Carneiro afirma que “[...] é ter humildade, isso é mandinga”. Para Mestre Decânio “[...] é a negaça da capoeira, é a mentira permanente... é a ininteligibilidade do capoeirista, parece mágica”. Xaréu diz que “[...] é uma forma de jogar, é uma forma lúdica de viver.” Cobrinha fala que “[...] mandinga é saber viver, é saber fazer do que tem pouco muito. É saber entrar e saber sair. Mandinga é a própria vida”.

Por fim, cita-se, Lua Rasta. Para falar de Mandinga, liga o termo a Besouro, grande capoeirista que resistiu ao sistema imposto, vivia metido em confusão com os detentores do poder, contra os opressores. Para Mestre Lua Rasta “Besouro Preto, ele tinha, é claro que ele tinha, as viagens dele em relação a si sumir ... Depois de uma aglomeração de uma briga e a polícia montada vinha e, de repente, o cara entrou por aqui, não tem saída e, de repente, o cara não tá mais ali mesmo, o cara escapou foi embora” (sic).

A fantasia é atividade mental, alimentada pela memória, que mantém um grau de liberdade elevado em relação ao princípio de realidade. Marcuse apresenta a imaginação como contraposição a racionalidade instrumental, ele apresenta a necessidade de uma nova sensibilidade capaz de perceber a liberdade através da potência crítica da memória, da fantasia e da imaginação.

A memória traz um conteúdo negativo desde que a fantasia esteja presente, pois em sua imaginação há a possibilidade de uma nova realidade a ser alcançada. A memória é uma força determinante e orientadora para dar a direção às excitações. Marcuse pensa no potencial emancipador e desalienador da arte. A arte combate a reificação fazendo falar, cantar e dançar a palavra petrificada.

A alienação pode contribuir para uma inércia crítica em relação ao *status quo*, se torna uma trincheira para os valores ditos superiores. Mesmo considerado em seu duplo caráter, a manifestação artística pode tanto atuar contra a alienação quanto preservá-la, em *Sobre o caráter afirmativo da cultura* pode-se perceber que essa alienação é ainda portadora de uma potência emancipatória, mesmo quando se revela opressiva (KANGUSSU, 2003).

Nota-se que o termo Mandinga, assim como o termo Capoeira, possui significados diversos, são termos polissêmicos-subjetivos. “Os velhos mandingueiros *lentos* não obedecem à velocidade hegemônica imposta ideologicamente pela burguesia” (CASTRO JÚNIOR, 2003, p. 46).

Os Mandingueiros possuem

[...] uma força sensível, rica em sutilezas, em detalhes e inteligibilidade enigmática que, durante uma roda [...], é representada pela harmonia dos instrumentos, pela cadência do ritmo quando o jogador escuta o que está sendo tocado, pelo canto que transmite situações desafiadoras e pelo jogo que transgride qualquer tipo de lógica da racionalidade formal (CASTRO JÚNIOR, 2003, p.46).

A Mandinga é a força do capoeira que resiste a tentativa incessante do pensamento europeu de tentar massificar essa cultura libertadora. Tem *em-si* uma essência negativa, é a voz do esquecido transmitida pela tradição. O *corpus*, que se expressa, desenha-se de forma diversa a inteligibilidade fragmentada do ocidente. O corpo é cantado e imaginado, dentro da roda ganha forma e, fora desta, se expressa como ideia comunicando o sentimento de recusa ao Estabelecido.

Oi, oi, oi, é mandingueiro
Iê é mandingueiro camará
(CASTRO JÚNIOR, 2003, p. 105)

Como pode-se perceber a Capoeira apesar de ter uma gênese revolucionária que luta pela liberdade, apresenta-se em alguns momentos como uma cultura que separa o mundo espiritual do mundo material. Dessa forma afasta seu praticante da labuta diária fazendo este se comunicar com uma esfera superior. Porém, esse caráter afirmativo não é suficiente para recusar a realidade intolerável. O caráter negativo é revivido, trazido à memória a partir da fantasia vivenciada na roda. A cantiga é um grito de recusa, ela é indissociável da gestualidade presente no jogo. Mesmo com a racionalização do corpo a ininteligibilidade da expressão de matriz africana se manifesta através da mandinga. São elas, a cantiga e a mandinga expressões da oralidade e gestualidade dos ancestrais, mecanismos de negação do *status quo*. Os velhos mestres são imagens que reforçam essa negação e que são revividos a partir desses dois elementos. O passado e o presente coabitam, a tensão entre afirmação e negação proporcionam o movimento de superação fazendo do momento histórico que a Capoeira atravessa sempre seja uma síntese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Herbert Marcuse foi o filósofo-crítico do pensamento moderno e das relações deste com a sociedade. É o herói internacional dos estudantes da década de 1960, o pensador da recusa ao que é apresentado como mundo verdadeiro. Considerado um filósofo pop sua filosofia ajuda a ver a realidade com desconfiança e desperta no sujeito uma crítica-reflexiva no intuito de modificar o *status quo* em que vive a sociedade. A prática da Capoeira também é semelhante ao seu pensamento, pois a mesma também critica o *modus vivendi* da sociedade.

Este trabalho foi uma tentativa de realizar um diálogo entre a cultura erudita e a cultura popular, sem grau de hierarquia. O objetivo geral desse trabalho foi o de investigar a existência do caráter negativo da Capoeira, cultura de resistência que busca a liberdade, a partir do estudo do texto de Marcuse, a saber, *Sobre o caráter afirmativo da Cultura*. Para obter êxito na tarefa desenhou-se alguns objetivos específicos, a seguir, apresentar o caráter afirmativo e negativo da cultura a partir do filósofo em estudo; descrever o processo histórico dialético presente na Capoeira até os dias atuais; identificar o caráter afirmativo e negativo na prática da citada manifestação cultural; e por fim, caracterizar alguns elementos de negação do *status quo* presente nessa arte popular brasileira.

O filósofo da Escola de Frankfurt discute sobre a essência revolucionária da cultura. Ele utiliza o método dialético, entendendo a história como um processo contínuo. O jogo do cancelar e do manter só acontece como síntese na situação histórica determinada. Entende-se a Capoeira, como uma cultura que está em constante relação com a sociedade. Sua formatação está em relação com a mesma mantendo e cancelando elementos oriundos do Estabelecido. Os momentos históricos pelos quais essa manifestação cultural passou historicamente permitiram compreender seu processo dinâmico de síntese superando estágios anteriores na luta pela conquista da liberdade.

A Capoeira é obra de arte em movimento, foi fonte de inspiração para o fotógrafo Pierre Verger, para o artista plástico Carybè, para as obras de Jorge Amado. Parodiando o filósofo pode-se dizer: *A Capoeira tem sangue, a capoeira tem vida*. E como vida, ela é atravessada pela contradição e tem em seu interior o aspecto revolucionário que permite a metamorfose constante, negando o Estabelecido repressor da força e da plástica que a luta figura.

O Marcuse, de 1937, denuncia a concepção de uma esfera espiritual representada pela ideia de alma. Nesta, a felicidade e a satisfação seriam possíveis, em contradição com as

condições concretas de desigualdade e sofrimento material. A Capoeira nega a repressão estabelecida e aponta para um mundo utópico pelo qual poderiam ser preservados valores fundamentais da existência humana. A cultura burguesa apóia-se em uma universalidade abstrata, longe da verdade do mundo das relações sociais e políticas, impedindo qualquer possibilidade de se interferir no mundo capitalista.

Na cultura afirmativa, o homem está em estado de felicidade aparente, o que importa é que se apareça bem. Estando satisfeito, não oferece obstáculos a manutenção do *status quo*. A Capoeira, para alguns, sob influências exteriores, pode contribuir para suavizar a labuta diária. É instrumento disciplinar que dirige os homens tornando-os cidadãos controlados e submissos à hierarquias. Muitos mestres utilizam a pseudo tradição para persuadir seus discípulos a se submeterem as ordens em um sistema hierárquico onde só quem comanda ganha.

A cultura afirmativa é proposta como ideia burguesa que busca imprimir ao homem a sua elevação ao mundo espiritual, onde não se preocupa em alterar a realidade dada, tendo em vista que são mundos distintos. Ao mesmo tempo, apesar de ajudar a manter o *status quo*, a cultura também mantém seu caráter negativo. A realidade intolerável é recusada e inicia-se um movimento de liberdade, em sua essência negativa. E a Capoeira desde sua gênese procura promover a liberdade e como tal é negativa. Há na Capoeira, elementos que negam o estabelecido, que imprimem um caráter negativo à sua prática, aqui, aponta-se as *Cantigas* e a *Mandinga* como marcas da *Ancestralidade* que comunicam o passado e fantasiam o presente com o fito de alterá-lo. Corpo e oralidade se fundem em uma unidade capaz de promover uma Grande Recusa. Elementos presentes em sua manifestação mais espontânea que parte do indivíduo e contagia a coletividade. É uma rememoração dos momentos de dores e de alegria vividas pelos antepassados que proporcionam a negação da dominação e vislumbra o prazer fruto da luta pela liberdade e felicidade.

A *mandinga* funciona como manifestação de negação do estabelecido social dentro e fora da roda de capoeira. As *cantigas* realizam um convite ao passado e permite que este conviva com o presente no mesmo espaço, realizando um constante repensar da história. Quando as cantigas vão ao passado ou quando se ensina a ancestralidade, entra-se em um campo, onde a amizade e o respeito adquiridos no hoje e no passar das gerações, supera a estratégia capitalista que fragmenta as relações sociais e humanas. O aprendizado é passado como um legado que será transmitido através dos tempos de forma crítica e transformadora.

A aquisição de bens por uma boa parte dos capoeiristas, não é entrave para que a cultura capoeirística eleve a qualidade de vida do homem e que se torne um instrumento de

conquista de uma dimensão superior da autonomia e da realização humana. Tal concepção se opõe à uma ideia de capoeira como trabalho compreendido como um comportamento socialmente necessário para o desenvolvimento do capitalismo ou outra institucionalização qualquer na qual o homem não é efetivamente ele mesmo, submetendo-se à heteronomia, às condições e às necessidades exteriores a si mesmo exigidas pelo trabalho.

A Capoeira é uma legítima união de corpo e razão. Através das cantigas de lamento dos descendentes de negros escravos e do corpo reinventado através da mandinga desenvolve-se um movimento da memória como fantasia. As imagens dos antepassados, a história dos esquecidos ajudam a formar a nova possibilidade do mundo. É, a Capoeira, arte de essência revolucionária que nega o estabelecido e proporciona a libertação do homem frente ao sistema e a si mesmo.

O capoeirista tem uma sensibilidade capaz de perceber a liberdade através da potência crítica da memória, da fantasia e da imaginação. O corpo e a capoeira não seriam apenas bens com os quais o praticante se identifica, se apropria e submete ao seu domínio, prontos para serem manipulados. Eles são dimensões da experiência formativa humana, são responsáveis pela constituição da individualidade no fito de tornar coletivo a experiência do ser livre. A relação do sujeito com essa prática cultural orienta a compreensão do mundo e o recria, transformando-o através de uma ação fundada no pensamento crítico.

Um capoeirista, assim como um artista, é originalmente um homem que se afasta da realidade instituída, porque não pode concordar com a renúncia à satisfação pulsional que lhe é exigida, e concede a seus desejos ambiciosos completa liberdade da fantasia. Fazendo uso de dons especiais que transformam suas fantasias em verdades plásticas e de força. Tal objetivo só pode ser conquistado porque outros homens sentem a mesma insatisfação, que resulta da força do princípio de prazer em relação ao princípio de realidade.

Com a realização dessa pesquisa percebeu-se a necessidade de se buscar em outras fontes, a saber, *Eros e civilização* e *Contrarrevolução e revolta*, ambas de Herbert Marcuse, os fundamentos embaixadores dos elementos que compõem essa expressão cultural enquanto prática de negação do Estabelecido. Em *Eros e civilização*, Marcuse aborda o corpo, impulso lúdico, memória e fantasia como categorias que são bem relacionadas ao tema proposto. Enquanto, em *Contrarrevolução e revolta* a música negra é apontada como recusa ao sistema.

Um trabalho monográfico não comporta a grandiosidade da obra de Marcuse e a dinamicidade da prática da Capoeira. O que se desenhou aqui é apenas o início de uma pesquisa que se propõe a continuar. A partir das obras citadas, os fundamentos dessa cultura

de negro africano no Brasil, serão analisados na tentativa de se apontar novos horizontes para a possibilidade de uma autonomia coletiva que se recusa a aceitar a realidade estabelecida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: pequeno manual do jogador**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

CAMISA, Mestre. **Cantigas de Capoeira: ABADA-CAPOEIRA – Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira**. Rio de Janeiro: Abadá Edições, 1997.

CÁSSIA, Maria Érbia. **Marcuse e a psicanálise: uma análise do sentimento de culpa**. Apresentado no Congresso Internacional Dimensão Estética - homenagem aos 50 anos de Eros e Civilização, Belo Horizonte, 2005.

CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. **Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade**. In: **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 143-158, jan. 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Novo Aurélio Século XXI: dicionário da língua portuguesa/Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**, - 3.ed. totalmente revista e ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA NETO, José Olímpio. **Capoeira no contexto escolar: instrumento facilitador da aprendizagem**. In: SANTOS, José Kennedy Silva dos. **Abrindo trilhas para os saberes: Formação humana, Cultura e Diversidade**. Fortaleza: SEDUC-CE, 2009. p. 153-164.

_____. **Importância da Capoeira no Desenvolvimento Sócio-educacional**. 2008. 50 f. Monografia (especialização em Administração Escolar) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Fortaleza – CE, 2008.

_____. **Crítica à capoeira como cultura de massa**. artigo apresentado na X Semana de Filosofia da UECE, 2010.

_____. **Dialética da Capoeira: entre a afirmação e a negação**. Artigo apresentado na VIII Semana de Humanidades da UFC/UECE. Orientador: Prof. Ms. Alberto Dias Gadanha. Fortaleza – CE, 2011. 15f.

_____. **Cantigas de capoeira repensando a história: Datas comemorativas e identidade**. In: VASCONCELOS, Elmo de Paula; VASCONCELOS, José Gerardo. Encontro cearense de Historiadores da Educação, X; Encontro Cearense de Geografia, III. UFC/UECE. Fortaleza – CE: IMPRECE, 2011.

GADANHA, Alberto Dias. **A expressão de Herbert Marcuse, Liberdade como categoria ontológica, contempla exigências hegeliano-marxista de um processo revolucionário**. In: FRAGOSO, Emanuel Ângelo da Rocha; COSTA, Reginaldo Rodrigues. **Ética e subjetividade**. Fortaleza – CE: Editora UECE, 2011. p. 13-47.

JESUS, Altair Reis de; CÂMARA, Antônio da Silva. **Autonomia e utopia da arte e da cultura em Herbert Marcuse**. Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. 2007.

KANGUSSU, Imaculada. **Leis da liberdade, a relação de estética e política na obra de Herbert Marcuse**. São Paulo-SP: Loyola, 2008.

LOREIRO, Isabel. **Herbert Marcuse, crítico do capitalismo tardio: reificação e unidimensionalidade**. In: ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (orgs.). **Pensamento alemão no século XX: grandes protagonistas e recepção das obras no Brasil**. Volume 1. São Paulo: Casacnaify & Goethe-Institut, 2009. p. 205-235.

MACINTYRE, Alasdair. **As ideias de Marcuse**. Mestres da modernidade. Tradução de Jamir Martins. São Paulo: Cultrix, 1970.

MANDINGA em Manhattan. Direção de Lázaro Farias, X Filmes Produções. 54min.

MARCUSE, Herbert. **Sobre o caráter afirmativo da Cultura**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. In: MARCUSE, Herbert. **Cultura e sociedade**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. pp. 89-136.

_____. **Cultura e sociedade**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Cultura e sociedade**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. **Eros e Civilização: Uma interpretação Filosófica do pensamento de Freud**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. **A dimensão estética**. Edições 70: Lisboa – Portugal, 1977.

_____. **Contrarrevolução e revolta**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

_____. **Sobre a dialética**. Tradução de Alberto Dias Gadanha do texto, A note on dialectic In: MARCUSE, Herbert. Reason and Revolution – Hegel and the rise of social theory, Boston: Beacon Press, 1960.

MESTRE BIMBA – Capoeira Iluminada. Luiz Fernando Goulart. Lumem Produções. 75Min.

PAGNI, Pedro Angelo. **Subjetividade, corpo e educação na obra de Herbert Marcuse**. Perspectiva. Florianópolis, v. 21, n. 01, p. 79-119, jan./jul. 2003.

PASTINHA, Vicente Ferreira. **Capoeira Angola: Mestre Pastinha**. 3ªed., Salvador-BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

PASTINHA! Uma vida pela capoeira. Direção de Antônio Carlos Muricy; Rio de Janeiro: Brian Sewell Produções Cinematográficas; 1999. 45min.

POZZOLI, Thereza. **Dicionário Larousse escolar de língua portuguesa**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2004.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico**. s/ed., Salvador, BA: Editora Itapuã, 1968.

RIBARD, Franck Pierre Gilbert. **África, Mãe Negra do Brasil ou Apontamentos para uma**

Nova Consciência Multicultural. In: SILVA, Cícera Maria; RIBARD, Franck Pierre; FREITAS, Geovani Jacó; PETIT, Sandra. **Respeitar as diversidades e combater as desigualdades. Fascículo I – África mãe-preta.** Fortaleza: Gráfica Editora R. Esteves Tipoprogresso Ltda, 2008.

SILVA, Robson Carlos. **Dos vadios e capoeiras: reflexões sobre a relação da capoeira com grupos políticos do século XIX.** In: FRANCO, Kennedy Roberto Gomes; VASCONCELOS, José Gerardo. **Outras histórias do Piauí.** Fortaleza: Edições UFC, 2007. p. 53-66.

SLENES, Robert W. “Malungu, ngoma vem”: África coberta e descoberta do Brasil. In: Revista USP, nº 12, 1991 – 1992.

VIEIRA, Luiz Renato. **O Jogo da Capoeira Corpo e Cultura Popular no Brasil.** 2ªed., Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 1998.

F349c Ferreira Neto, José Olímpio

Capoeira, um olhar a partir da filosofia de Herbert Marcuse: a cultura e seu caráter negativo em busca da liberdade / José Olímpio Ferreira Neto. Fortaleza, 2011.

59p.

Orientadora: Prof. Ms. Alberto Dias Gadanha.

Monografia de Graduação em Filosofia (Bacharelado) -
Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

1. Capoeira 2. Cultura 3. Liberdade. I. Universidade Estadual
do Ceará, Centro de Humanidades.

CDD: 193

